TCC/UNICAMP
C279r
IE/717

1290000717
IE
TCC/UNICAMP C279r

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Economia

RAÍZES DO BRASIL E O DEBATE SOBRE A "MODERNIZAÇÃO" DA SOCIEDADE BRASILEIRA NA DÉCADA DE 30.

Conrado Pires de Castro
RA: 900 299

Monografia apresentada ao Instituto de Economia da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Prof[a]. Dra. Lígia Osório Silva.

Campinas, julho de 1996.

TCC/UNICAMP
C279r
IE/717

À meus pais, irmãs e "novos" irmãos,
Minhas raízes.

"Toda imagem no espelho refletida
Tem mil faces que o tempo ali prendeu
Todos têm qualquer coisa repetida
Um pedaço de quem nos concebeu ..."
(João Nogueira & Paulo César Pinheiro, "Espelho")

Sumário:

Agradecimentos	Pg. I
Resumo	Pg. III
1. Impressões e imprensa: momento de leituras de **Raízes do Brasil**	Pg. 2
2. **Raízes do Brasil** e a crítica do período	Pg. 6
3. Bibliografia	Pg. 39

AGRADECIMENTOS

Quando entrei na UNICAMP, no já longínquo ano de 1990, Sergio Buarque de Holanda era ainda para mim apenas o pai do Chico. Assim continuaria o sendo até tempos recentes. Minha descoberta deste autor foi possibilitada por algumas situações inusitadas, muitas das quais decorrentes de uma pessoal incompreensão das lições vertidas nas salas de aula deste Instituto de Economia. Deixo aqui, portanto, o registro de meu sincero agradecimento a todos os mestres cujos os ensinamentos por mim mal digeridos um dia talvez se traduzam naquilo que chamamos de "formação".

A Professora Lígia Osório Silva, primeira a apostar na viabilidade deste ambicioso projeto, devo a orientação fraterna e segura, sempre a vislumbrar o possível das tarefas mais tortuosas nas quais se aventuravam minha mente anárquica e pretenciosa. O mesmo também se aplica ao Professor Fernando Lourenço, continuamente atento a todas as fases de elaboração deste trabalho, trazendo muitas sugestões de leitura e pertinentes pistas de pesquisa. Com estes dois professores bastante aprendi sobre tolerância e generosidade intelectual. Na medida do possível seguirei nisto os seus exemplos.

Não poderia deixar de mencionar o prestimoso auxílio das bibliotecárias da Coleção Sergio Buarque de Holanda da Biblioteca Central da UNICAMP. Semelhante disposição encontrei junto a equipe do Sistema de Arquivo Central da UNICAMP (SIARQ/UNICAMP), onde testemunhei muita prestatividade no rastreamento de documentos mais variados. Sempre com muita paciência e simpatia todas estas pessoas acolheram minhas apressadas consultas nos horários às vezes menos convenientes.

São muitas as pessoas as quais posso identificar em certas passagens deste trabalho. Por participarem em eventos precisos de minha própria experiência pessoal, chego mesmo a confundí-las em meus pensamentos.

Talvez distorcidas por meu juízo, nem todas se reconheçam prontamente. Externar alguma listagem seria sujeitar-se a corrupções de memória que as pressões do momento injustamente nos impõem. Mesmo assim, um tanto quanto indiretamente, expresso minha sincera gratidão a todos aqueles que de alguma maneira, pelo convívio contínuo ou esparso, contribuiram e estão a contribuir para o enriquecimento de minha jornada pela vida à fora.

A concretização deste trabalho, ainda que apenas tateante aos seus objetivos originários, só pôde ser efetuada pelo estímulo incondicional oferecido por todas as pessoas que acreditaram na seriedade de pesquisa nele encerrado. Se algum mérito nele houver, estes serão os seus verdadeiros responsáveis, sendo eu apenas porta voz e disseminador das inúmeras falhas que porventura se imprimem nesta monografia.

RESUMO

Reavivando o ambiente intelectual no qual foi escrito **Raízes do Brasil**, este trabalho procura rastrear indícios que revelem no seminal ensaio de Sergio Buarque de Holanda um raro exemplar de pensamento crítico e social, atento à desmitificação de muitas ilusões e cacoetes presentes em consagradas interpretações e reflexões sobre o Brasil contemporâneo de profundas mudanças estruturais em sua edificação social.

Impressões e imprensa: momento de leituras de *Raízes do Brasil*[*]

> "A bibliografia histórica do decênio de 30 é largamente ocupada por escritos onde a interpretação elucidativa, e às vezes interessada e mesmo deformadora dos fatos, visa a explicar tais fatos ou a caracterizá-los em sua configuração especificamente nacional. A importância de muitos desses escritos, suscitados em parte pelas perplexidades de uma época de crises e transformação, exigiria estudo à parte. E embora contribuíssem, muitos deles, para dar novos rumos aos estudos históricos, não seria possível na presente resenha, sem alongá-la em demasia, ir muito além de uma enumeração necessariamente incompleta."
>
> (Sergio Buarque de Holanda, em julho de 1951)

1. Introdução

O estilo de Sergio Buarque de Holanda torna-se muito escorreito para o leitor demasiadamente apegado ao racionalismo cartesiano. Sua personalidade brincalhona e irreverente parece estabelecer uma tensão dialógica com seu interlocutor. Em sua obra, de ordinário, quase tudo se afirma negando ao mesmo tempo que se nega afirmando. À exaustão, repetia de boca cheia as advertências de Benedetto Croce, chamando atenção aos perigos e às imposições que o presente impunha à obra do historiador. Também recorrente em sua fala, a lição de Lucien Fèbvre: "le parfait historien doit être un grand écrivan". Neste sentido é um tanto quanto injusta (ou na melhor das hipóteses parcial) a caracterização aparentemente depreciativa que lhe impõe um sútil historiador da ideologia da cultura brasileira: Sergio Buarque não

[*] Agradecemos a solicitude e generosidade das bibliotecárias responsáveis pela coleção Sergio Buarque de Holanda da Biblioteca Central da UNICAMP e da equipe do Arquivo Central da UNICAMP (SIARQ/UNICAMP), onde realizamos a maior parte de nossas pesquisas. Sem o auxílio destas pessoas não seria possível a realização do presente trabalho. Também faz-se necessário ressaltar o fundamental apoio oferecido pela FAPESP, libertando-nos de certas preocupações materiais e assim nos permitindo a dirigir atenção para outras preocupaçoes menos "térreas".

somente era um grande estilista, como valia-se de sua grande erudição (muitas vezes discreta e laboriosamente disfarçada) para ferir a imaginação de seu leitor.

Nada mais pertinente, a este respeito, do que esta lúcida apreciação do Prof. Alfredo Bosi: "embora dotado de uma inteligência eminentemente capaz de extrair o geral do exame dos particulares, pode-se dizer de Sergio Buarque de Holanda que foi um dos intérpretes mais comedidos de toda a nossa historiografia. A rigor, só escreveu um livro de franca interpretação, o seu livro de mocidade, justamente célebre, **Raízes do Brasil**."[1] Malgrado sua tonalidade quase displicente e ensaística de "grande interpretação", **Raízes do Brasil** contempla um hercúleo esforço de superação de preconceitos correntes e de incitação criadora em um público sedento por fórmulas fáceis e prontamente aplicáveis à regeneração dos instintos de nacionalidade.

Em parte, talvez, este fato explicaria o relativo desconforto que esta obra causaria anos mais tarde ao seu autor, julgando-a indevidamente datada e parcialmente superada. O ritmo excessivamente digressivo de sua composição, num momento em que os estudos sociais pugnavam por certa autonomização de vocalizações literárias, pode ser interpretado como indicativo de uma atitude expressamente crítica e radical (militante até, se quisermos). Isto na justa medida em que se pretende atingir um público mais amplo - e aqui **Raízes do Brasil** é bem de seu tempo -, não apenas restrito a um seleto grupo de diletantes ou especialistas. Diferente de certos radicalismos de ocasião bem a gosto do período, **Raízes do Brasil** não se limita a exprimir uma sentença acusatória às elites brasileiras. Antes procura explicitar como se formam conivências profundas na manutenção do prestígio destas elites, mesmo nos espíritos mais puros e sinceros em seus anseios reformadores. Não incorre em absurdo o *brazilianist* Thomas Skidmore ao afirmar que Sergio Buarque de Holanda "dirigiu seu texto erudito para uma elite que ele

---

[1]) Cf. Bosi, Alfredo - "Homenagem a Sergio Buarque de Holanda". In **Novos Estudos**. nº 3, novembro de 1983, pg. 50.

esperava provocar para a defesa do Brasil democrático."[2] Há nisso boa dose de verdade.

Se tal atitude não admite ser chamada de "revolucionária", ao menos não lhe poderá ser negada considerável radicalidade de seu ponto de vista. Em um momento no qual se acusava a suposta fragilidade dos regimes democráticos, período de exacerbação de intolerâncias e hostilidades, Sergio Buarque de Holanda procurava identificar as origens mais íntimas desta fragilidade, em suas falhas e insuficiências, achando-as, invariavelmente, em suas mais inusitadas raízes.[3] Decerto haveria fogo sob a cortina de fumaça e fortuito não seria o conhecido aforismo gravado em **Raízes do Brasil**: "A democracia no Brasil foi sempre um lamentável mal-entendido"; um mal-entendido tanto na prática como em sua conceituação. Descartá-la por exótica à nossa índole nacional, talvez não resolvesse os embaraços "utópicos" dela porventura decorrentes. Tratando a questão democrática de uma perspectiva mais profunda, filosófica até, Sergio Buarque rebelava-se contra a relativa exterioridade com que a intelectualidade do período se posicionava diante deste problema. Assim procedendo, este autor pode "abrir caminhos para soluções que, além de abalar a rija cidadela conservadora, contribuem para uma eventual ação revolucionária."[4]

---

[2]) Cf. Skidmore, Thomas E. - "Criadores de Mito: os arquitetos da identidade nacional brasileira". In **O Brasil visto de Fora**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1994, pp. 71-98, pg. 87.

[3]) Esta suposta fragilidade dos regimes democráticos era apresentada como indício de sua ineficácia em absorver e assimilar as idiossincrasias, falhas e insuficiências decorrentes de nossa condição de povo em formação: "O nosso objetivo não será a 'harmonia', nem a 'beleza', mas sim a conveniência e a 'adaptação'. O que devemos querer não são regimes belos ou harmônicos, mas sim regimes convenientes e adaptados ao nosso povo". vaticinava Oliveira Vianna, um dos mais talentosos doutrinários conservadores do período. Para este autor, somente a ação disciplinar de uma organização política centralizada e unitária poderia corrigir os inconvenientes da nossa excessiva base física, da nossa dispersão geográfica e da ação centrífuga dos agentes telúricos. Para a citação acima ver "O idealismo da Constituição". In Cardoso; Vicente Licinio (Org.). **À Margem da História da República**. Brasília, Editora Universidade de Brasília, Volume I, 1981, pg. 118. O prefácio à 3ª edição da obra **Evolução do Povo Brasileiro** também é bastante esclarecedor sobre este ponto. Cf. Oliveira Vianna, **Evolução do Povo Brasileiro**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1956, pp. 9-13.

[4]) Cf. Candido, Antonio - "Radicalismos". In **Estudos Avançados**, 4 (8), 1990, pg. 4.

No pensamento de Sergio Buarque a própria percepção do fenômeno democrático não admite a prescindência de ações realmente dignas da designação de revolucionárias. Sem o alarde de algumas convulsões de superfície, as transformações profundas só se consolidam com a interiorização definitiva de novos valores no conjunto da sociedade. A lisura deste juízo nega sentença de arbitrariedade, pois é o próprio autor quem o endossa: "A idéia básica [em **Raízes do Brasil**] era a de que nunca houve democracia no Brasil, e de que necessitávamos de uma revolução vertical, que realmente implicasse a participação das camadas populares. Nunca uma revolução de superfície, como foram todas na História do Brasil, mas que mexesse mesmo com toda estrutura social e política vigente. (...) Até agora, todas as revoluções dentro da História do Brasil foram de elites, civis ou militares, mas sempre de elites. E, quando a questão se restringe a querelas elitistas, o processo caminha como numa briga de família: aparece um primo, um tio, ou um amigo da família com bom relacionamento com ambas as partes capaz de contornar diplomaticamente o confronto. (...) Por isso a democracia, que nasceu aqui num mal entendido, percorreu em nossa História um caminho inusitado. Ou seja, foi murchando aos poucos."[5]

A radicalidade do pensamento de Sergio Buarque, parafraseando-se Nietzsche, não a pode compreender senão o leitor a quem tenha impressionado ou entusiasmado cada uma de suas palavras. Só então gozará o privilégio alegórico donde esta obra nasceu, e sentirá veneração pela sua resplandecente claridade, pela sua amplitude, pelas suas perspectivas e pela sua certeza.

---

[5]) Cf. "A democracia é difícil. As observações e as conclusões de um especialista com base no exame da História". Entrevista de Sergio Buarque de Holanda a Revista **Veja**. São Paulo. 28 de janeiro de 1976. nº 386. pp. 3 e 4. A idéia de "revolução vertical" tal qual emitida pelo naturalista americano Hebert Smith, embora perfeitamente coerente com o conteúdo da primeira edição de **Raízes do Brasil**, expressamente só aparecerá no livro de Sergio Buarque a partir de sua segunda edição em 1948. É fiável que, mesmo estando familiarizado como o pensamento do naturalista americano sobre o Império Brasileiro antes da publicação de seu ensaio seminal, Sergio Buarque apenas travara conhecimento de seu livro **Do Rio de Janeiro a Cuiabá**, traduzido em 1922 pela Cia. Melhoramentos editora. O trecho de Hebert Smith no qual aparece a clássica referência sobre a necessidade de uma revolução vertical no Brasil consta no volume **The Amazon and the coast** (Londres, Sampson Low, Marston, Searle, and Rivington, 1880), o qual provavelmente Sergio Buarque deve ter tomado conhecimento e adquirido-o em sua viagem aos Estados Unidos em 1941, a convite do Prof. Lewis Hanke.

Difícil não identificar algo de enigmático, um sutil hermetismo até, neste seminal ensaio sergiano. Há algo de caleidoscópico em sua composição, o que certamente não deixou de impressionar, desde sua publicação em 1936 até os dias atuais, os seus mais atentos leitores. Este livro pequeno e discreto a cada leitura nos traz novas impressões, antes não percebidas. Aos seus contemporâneos passava uma imagem ambivalente, quase pendular; oscilante entre a configuração de "um acidentado tratado de múltiplas considerações vagas", "cheios de contradições", e sua caracterização como "um claro e metodizado estudo da evolução brasileira", com "a explicação lógica de muitas particularidades (...) desfazendo muitos preconceitos correntes". De fato, nas apreciações mais finas e requintadas, estes extremos se tocam, entrecruzam-se no reconhecimento de uma "obra recriadora", a qual muitas vezes "abusa" da "coerência de seus raciocínios" lógicos.[6]

Neste sentido torna-se possível resgatar **Raízes do Brasil** enquanto vestígio de alternativas e batalhas que "cintilam num instante de perigo", não obstante obscurecidas pela roda viva da história. Restaria saber como as reações à suas principais teses e argumentos, na intensidade que feriram a imaginação de uma época, poderiam contribuir para a compreensão da obra.

Sem arriscarmos maiores conclusões acerca do material pesquisado, temerária ambição em estudos ainda um tanto quanto preliminares, este trabalho tem como objetivo externar as impressões cunhadas a respeito do ensaio sergiano pelo público leitor, em ocasião da publicação de sua primeira edição. Através deste procedimento esforçamo-nos em reviver a obra de Sergio Buarque em suas pulsações e em sua espessura, a fim de que se integre em quadro mais amplos, onde ganha nova dimensão e significado mais alto. Almejando uma primeira aproximação, a reconstituição deste panorama pôde ser feita por meio da leitura e análise de

---

[6]) Adiante, com mais vagar, serão analisadas as impressões fixadas sobre **Raízes do Brasil** pela crítica contemporânea à sua primeira edição.

algumas resenhas encontradas nos jornais da época sobre **Raízes do Brasil**. Trilhemos então por estes caminhos.[7]

2. **Raízes do Brasil** e a crítica do período

Em dezembro de 1936, escrevendo a Sergio Buarque de Holanda no Rio de Janeiro, o poeta Couto de Barros mostrava-se empolgado com a leitura do livro de estréia do amigo, **Raízes do Brasil**. Confessava tê-lo lido com avidez, sendo acometido por uma porção de idéias, e felicitava-se pela coincidência de algumas reflexões suas com as teses esboçadas no livro. Prometendo "escrever longamente sobre o ensaio" assim que tivesse tempo, limitava-se a se desculpar pelo que poderia parecer fruto de pouco caso: "Por hoje, quero ficar no agradecimento [pelo envio do livro] e tirar um peso da consciência." Difícil saber se o poeta cumprira a promessa de "escrever algumas considerações sobre as 'raízes'". Entretanto, como que a suprir a ausência de considerações suas, Couto de Barros revelava ao amigo a boa acolhida de seu livro pela imprensa paulista: "A crítica daqui só teve aplausos para sua obra. Foi, portanto, uma vitória."[8]

Este sucesso de crítica, não limitando-se à crônica paulistana, pudemo-lo comprovar pela leitura de algumas resenhas coligidas em álbum preparado pela irmã

---

[7]) A aparente displiscência porventura decorrente na adoção desta postura, por paradoxal que seja, é fruto de um sincero intuito de fidelidade ao pensamento de Sergio Buarque de Holanda. Reconhecemos o inevitável ônus desta pretensão, em parte mesmo o assumimos: "Nenhum historiador sensato - diria Sergio Buarque - pode gabar-se de ter realizado na perfeição seu difícil mister mas nenhum historiador pode esquivar-se a um esforço nesse sentido". Talvez, neste complexo jogo de pesos e medidas, não nos situemos muito distante de usurpar a cesura dos recursos de expressão requeridos aos relatórios e exposições científicas. Cf. Holanda, Sergio Buarque de - **Tentativas de Mitologia**. São Paulo, Editora Perspectiva, 1979, pg. 31.

[8]) Cf. Carta de Couto de Barros a Sergio Buarque de Holanda, datada de São Paulo, 7 de dezembro de 1936, FSBH/SIARQ/UNICAMP - Série Cp 34: Pasta 5.

de Sergio Buarque, Dona Cecília Buarque de Holanda, nos anos de 1936 e 1938.[9] Ali encontramos notas e alguns ensaios publicados em jornais de dez estados brasileiros e, inclusive, nalguns periódicos de Portugal. Em verdade são necessárias algumas ponderações relativas ao alcance e ao apelo deste material crítico a respeito de **Raízes do Brasil**. A reincidência de muitos juízos emitidos nos rodapés literários de jornais de diferentes estados demandam certos cuidados interpretativos. Em primeiro lugar, podem confirmar hipóteses de um imaginário social consolidado à época ou então indicar certo "imperialismo" das agências de notícias ou sofisticadas estratégias da própria Editora José Olympio, quase que a homogeneizar as referências à "Coleção Documentos Brasileiros" inaugurada pela obra.[10] Em segundo lugar, parece-nos óbvio, se a boa aceitação da obra não necessariamente reflete uma apreciação apropriada de seu conteúdo, ao menos nos oferece um instigante traçado para o reconhecimento dos vícios e virtudes presentes na obra, no público ou em ambos.

Apesar do tom acentuadamente polêmico da primeira edição do ensaio sergiano, mais concisa e direta em sua linguagem do que em edições posteriores, a sua boa aceitação, assim como as apreciações mais iracundas, devem-se ao esforço de Sergio Buarque de Holanda em superar tanto a gratuidade da iconoclastia modernista como o patriotismo "contente de si mesmo", do nacional por subtração, do "mau, mas meu".[11] Existem consistentes evidências de que muito da originalidade e radicalidade de **Raízes do Brasil** decorrem de uma atitude francamente modernista, a qual se manifesta em passagens cruciais do livro, na incorporação inusitada de trechos de autores consagrados à época. Devidamente contextualizadas,

---

[9]) Todos os artigos consultados nesta pesquisa pertencem ao FSBH/SIARQ/UNICAMP - Série PT: Pasta 61. Daqui em diante, para não sobrecarregar as referências, apenas mencionaremos o nome jornal, do crítico e as datas de publicação dos artigos, ficando implícita sua localização no Fundo Sergio Buarque de Holanda do SIARQ/UNICAMP. Para maiores informações vide o item Fontes Pesquisadas.

[10]) Cerca de 35% dos artigos consultados, quase todos publicados em órgãos de imprensa distintos, apresentam textos semelhantes, podendo inclusive ser classificados em seis tipos diferenciados de notas padronizadas. Cf. FSBH/SIARQ/UNICAMP - Série PT Pasta 61.

[11]) Cf. Holanda, Sergio Buarque - "Fluxo e refluxo (Conclusão)". In **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1951. FSBH/SIARQ/UNICAMP - Série PI 94: Pasta 15.

levando-as ao limite de suas conseqüências, Sergio Buarque procura ferir a imaginação de seus interlocutores não com a antítese de suas virtudes ou defeitos, mas as recriando. Subvertendo-as em seus próprios alicerces, com uma inventividade que lhe é muito peculiar, busca uma síntese na qual se incorporem conquistas positivas à criação de uma sociedade verdadeiramente democrática, tolerante e mais segura de si, ao mesmo tempo viva e mais humana.[12]

Desvela-se assim uma obra de monstruosa erudição, revelando conhecimentos que não se improvisam, exigindo bastante de seu leitor. Ao interlocutor afoito por respostas, Sergio Buarque devolve uma interminável série de perguntas, como que a forçar-lhes o pensamento. Parece desejar que seus leitores, questionando-se a si mesmo, vejam com mais clareza a nossa história pátria, e que cada um encontre suas próprias respostas.[13] Tudo somado, não seria estranhável que causasse tamanha perplexidade a seus contemporâneos. Reconhecendo os méritos e dificuldades desta forma peculiar de exposição, em um arroubo de sinceridade, assim se confessava o crítico da **Folha da Manhã**: "Ou não há em 'Raízes do Brasil' uma afirmação ou, muito possivelmente, é ela tão sutil que escapou a minha percepção, o que de certo mais depõe contra mim do que contra o sr. Buarque de Holanda."[14]

---

[12]) Em certas passagens do livro, observa-se quase que uma "bricolage" de trechos explicitamente encontráveis em Oliveira Vianna, Paulo Prado, Gilberto Freyre e Ortega y Gasset - este último, influência ainda não suficientemente explorada na obra de Sergio Buarque de Holanda. Outros nomes, alguns por demais alardeados, poderiam engrossar desnecessariamente esta listagem sumária. Entretanto isto já é assunto para um outro estudo, quem sabe, próximo.

[13]) Cf. "Que país é este?", Entrevista de Sergio Buarque de Holanda ao **Folhetim**, Publicação da **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 de abril de 1978, nº 67, pp. 3-5.

[14]) Amaral, Rubens do - "Livros e idéias", In **Folha da Manhã**, S.Paulo, 28/10/1936. Nas páginas do **Jornal do Brasil**, o articulista Múcio Leão assim caracterizava o amigo Sergio: "outros traços de sua personalidade o tornavam, no meio e na geração brasileira dos dias de hoje, um ser positivamente raro, estranho, singularíssimo. São muitas as facetas do seu espírito, muitas as suas contradições, muitas as surpresas que todos os dias ele nos traz. Sua faculdade para todas as coisas espantosas é tamanha que ninguém se surpreenderia diante de qualquer atitude que ele assumisse. (...) Felizmente, esta capacidade de realizar coisas estranhas é um reflexo, que apenas existe no espírito dos amigos. (...) E todo aquele tumulto, todo aquele seu imenso tumulto de boemia e originalidade, é puramente um fato de imaginação." Tal caracterização psicológica de Sergio Buarque serve de pano de fundo ao julgamento do historiador "como um homem novo, de imaginação livre, despido de preconceitos, forrado, além disso, de intensa e forte cultura literária e filosófica." Cf. Leão, Múcio - "Registro Literário", In **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07/11/1936.

Embora pouco afeito aos ruídos lisonjeadores, a constância e o constar da crítica certamente deliciava o jovem escritor que estreava em livro. Através dela percebia como experimentados argüidores mordiam a isca de sua armadilha retórica, emaranhando-se em sua teia de argumentos finamente bem tecida, quase que a denunciar a persistência de uma situação que se imaginava superada. Sergio Buarque, em grande estilo, pareceria seguir os conselhos do matuto Riobaldo: "Melhor, para idéia bem se abrir, é sugerir bem fundamentado." E aqui, talvez, haveria alguma pertinência do juízo do poeta Couto de Barros em comemorar vitória da publicação de estréia do amigo.

Aliás, a respeito dos aplausos piratininganos, impossível dissociá-los da condição de paulista do escritor. Os tradicionais órgãos de imprensa de São Paulo não deixariam de louvar as qualidades de "analista perspicaz, um metódico estudioso de nossos fatos históricos", o "estudo sério e elevado", "escolha bastante feliz" para a abertura da Coleção Documentos Brasileiros.

Este bovarismo quatrocentão é explicitamente reivindicado por Rubens do Amaral, queixando-se do descaso da editora carioca com a inteligência de São Paulo[15]. Além do estreante Sergio Buarque, não obstante residindo em plagas fluminenses, o crítico reclama a presença de nomes como Paulo Prado, Paulo Setubal, Alfredo Ellis Jr., Leoncio Gurgel, Eugenio Egas, Cornélio Pires, Waldomiro Silveira e Amadeu Amaral na nova coleção da editora José Olympio: "Evidentemente não estamos culpando a casa editora pela quase completa ausência de paulistas na sua coleção de documentos brasileiros. A culpa é antes nossa. Nós é que nos fechamos dentro das nossas fronteiras. Nós é que perdemos a força de expansão. Nós é que, sem termos tornados caudatários, deixamos de ser líderes."[16]

---

[15]) Embora fundada em São Paulo por José Olympio, sua editora só viria a desempenhar um papel relevante no mercado nacional de livros após ser transferida para o Rio de Janeiro em 1933. Esta última consideração talvez atenue a eventual arbitrariedade da qualificação regional aqui adotada. Cf. **Anuário Brasileiro de Literatura de 1937**, Rio de Janeiro, Irmãos Ponguetti/Zelio Valverde, pg. 296.

[16]) Cf. Amaral, Rubens do, Op. cit., In **Folha da Manhã**, 28/10/1936.

Ainda perceptivelmente ressentido dos ecos de 1932, este articulista da **Folha da Manhã** não hesitava em completar: "Mas São Paulo, se tem um glorioso passado, não se alimenta de saudosismos. Nosso ontem, por maior que seja, queremo-lo superado pelo amanhã, que estamos forjando na hora presente. E assistir-nos-ia o dever de dizer ao Brasil de agora e do futuro o que fizemos com o café e com o algodão; o que é nosso ensino, o que é nossa higiene, o que é o combate a lepra, o que são as nossas instituições científicas, administrativas ou econômicas, numa sucessão de quadros cujo o conjunto forma o panorama da civilização paulista." [17]

Entretanto, recém ingressa no movimento editorial das "brasilianas", não eram esses os principais trunfos da editora José Olympio. Um estudo pioneiro, não sem uma dose significativa de exagero, alertava para a proximidade da jovem casa editorial com as instituições de poder intelectual (no caso a Academia Brasileira de Letras) e do poder político do governo central. Esta situação, se não chegava a excluir os intelectuais paulistas do circuito cultural da "Corte", de fato poderia ao menos refrescar-lhes a exaltação provinciana.[18]

Em sintonia com o movimento intelectual do período, em seus traços mais vivos de "ânsia de introspecção social" presentes na jovem inteligência do país, a editora carioca se consolidara com a divulgação do novo romance social brasileiro.[19] O jovem editor José Olympio lançava-se agora no "interesse pela divulgação do

---

[17]) Cf. Amaral, Rubens do. Op. cit., In **Folha da Manhã**, 28/10/1936.

[18]) Cf. Miceli, Sérgio - **Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920 a 1945)**. São Paulo, Difel, 1978, pg. 89. Ver especialmente o capítulo II, pp. 75-91. Descontados certas inferências demasiadamente polêmicas, ainda que extremamente coerentes e defensáveis do ponto de vista do autor, este capítulo apresenta reflexões fundamentais para o entendimento das relações entre o movimento editorial dos anos 30 e 40 e a profissionalização da condição do escritor; quem sabe até, espraiando-se para a vida intelectual do país como um todo.

[19]) Era o escritor baiano Jorge Amado quem dirigia a área das coleções relativa às obras literárias da editora José Olympio. Nesta época conseguiu montar o plantel de escritores renomados na editora carioca, tendo a frente nomes como Raquel de Queirós, José Lins do Rego e Graciliano Ramos. Cf. Moura, Reinaldo - "Dois livros em registro", In **A Federação**, Porto Alegre, 18/11/36. Ver também Miceli, Sérgio, Op.cit., pg. 89.

documento virgem e do estudo documentado que fixe, interprete ou esclareça aspectos significativos da nossa formação ou da nossa atualidade."[20]

Nos horizontes da Coleção Documentos Brasileiros anunciava-se a publicação de biografias e autobiografias, manuscritos históricos, livros de memórias, diários de viagem de nacionais e estrangeiros, tudo sob a supervisão e anotações de especialistas. Além disso planejava-se a divulgação de monografias, inquéritos, sondagens, investigações, mapas, perfis sociais, etc. Tudo isso, alertava seu diretor, no intuito de conhecer o presente e "o passado brasileiro na sua maior intimidade"; quer do ponto de vista antropológico e etnográfico, quer do ponto de vista sociológico, econômico, pedagógico e mesmo arquitetônico.

Não obstante a ambição deste projeto editorial, gabava-se Gilberto Freyre ao afirmar sua concretude: "O editor José Olympio já tem em mãos um grupo de estudos e de inéditos interessantíssimos, que vão aparecer nesta série. Não se trata de uma aventura editorial, mas de uma coleção planejada e organizada com o maior escrúpulo e com todo vagar, visando corresponder não só às necessidades do estudioso como à curiosidade intelectual de todo brasileiro culto pelas coisas e pelo passado do seus país."[21]

O novo empreendimento da casa editorial foi logo saudado como um acontecimento em nossos círculos intelectuais, "uma iniciativa patriótica."[22] Esta iniciativa, acreditando na jovem leva de escritores brasileiros, era louvada até no estrangeiro como "um exemplo a ser seguido às suas congêneres."[23] Também muito digno de felicitações a oportunidade de inaugurar a coleção com o trabalho de Sergio Buarque de Holanda, "uma daquelas inteligências brasileiras em que melhor se

---

[20]) Cf. Freyre, Gilberto - "Documentos Brasileiros". In **Raízes do Brasil**. Rio de janeiro, Livraria José Olympio editora, 1936, pg. V. Esta apresentação da coleção de estudos então inaugurada, também foi publicada no jornal **A Nação** do Rio de Janeiro em 25 de novembro de 1936.

[21]) Cf. Freyre, Gilberto, op. cit., pg. VI.

[22]) Cf. "Livros Novos". In **Diário da Bahia**, Salvador, 09/11/36.

[23]) Cf. Amorim, Antônio - "Raizes do Brasil". In **O Diabo: Semanário de Literatura e Crítica**. Lisboa (Portugal), 14/02/37.

exprimem não só o desejo como a capacidade de analisar, o gosto de interpretar, a alegria intelectual de esclarecer."[24]

Acima de tudo, difícil negar, pois as próprias resenhas da época o evidenciam, parte desta acolhida clamorosa deveu-se a chancela de Gilberto Freyre à frente da direção da "Coleção Documentos Brasileiros". Muitos são os elogios a sua pessoa, não raro quase que a acobertar os méritos de **Raízes do Brasil**.[25] Alguns críticos mais condescendentes chegavam mesmo a enxergar coerência entre os estilos de pensamento do autor de **Raízes do Brasil** e o diretor da Documentos Brasileiros: Sergio Buarque de Holanda "não será discípulo, porque já era mestre."[26]

O impacto de revelação de **Casa Grande & Senzala** ainda era muito forte na intelectualidade brasileira. Visualizando brechas para a harmonização talvez não mais possíveis de valores conflitantes, os escritos de Gilberto Freyre apresentavam uma atração irresistível e muito engenhosa num tempo ainda banhado de indisfarçável saudosismo patriarcalista: "sínteses arquitetadas a rigor, quando ele [Gilberto Freyre] confessa não 'concluir', nem 'julgar', não seriam possíveis a quem olha a vida passar como numa seqüência admirável e trepidante. Mas, apesar de todo o aparente desprezo pelas 'conclusões' e pelos 'julgamentos', não deixa dúvidas que tudo produz segundo um método seguro, claro e convincente."[27] Essas afirmações, ainda que por caminhos tortos, afetam de maneira sutil o alcance dos escritos de Sergio Buarque. Entretanto, a contrastá-los da prosa freyriana, na tonalidade geral de "uma parcimoniosa elegância", conforme lapidarmente ressaltou Antonio Candido, "um rigor de composição escondido pelo ritmo despreocupado, às vezes sutilmente

---

[24]) Cf. Freyre, Gilberto, op. cit., pg. V.

[25]) Aqui, em parte, a justiça à menção de Antonio Candido sobre a obra de Gilberto Freyre e **Raízes do Brasil**. Este último , "livro curto, discreto, de poucas citações, atuaria menos sobre a imaginação dos moços." Concebido e escrito de modo completamente diverso de **Casa Grande & Senzala**, **Raízes do Brasil** não comportava a mesma oralidade e o volume de informações que Gilberto Freyre combinava de uma maneira libérrima, numa "técnica expositiva, a cujo bombardeio as noções iam brotando como numa improvisação de talento." Cf. Candido, Antonio - "O significado de **Raízes do Brasil**", prefácio a 5ª edição de **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio, 1969.

[26]) Cf. Chiacchio, Carlos - "Homens & obras", In **A Tarde**, Salvador, 11/11/36.

[27]) Cf. Idem.

digressivo", contendo um verdadeiro "corretivo à abundância nacional" e o "imperativo do desenvolvimento histórico" futuro.[28]

As credenciais de Gilberto Freyre, portanto, recusavam objeções de qualquer natureza.[29] Aludia-se mesmo que repetia "o milagre de Tobias Barreto", por conseguir, fixando-se no "ambiente provinciano" de Recife, a proeza de projetar prestígio e gozar de "um furor que raros homens de letras, entre os residentes no Rio, poderiam orgulhar-se".[30]

Para o jovem crítico Nelson Werneck Sodré, depois de Fernando Azevedo, somente o sociólogo pernambucano poderia "desempenhar honestamente e lisamente duma missão como a de selecionar aquilo que interessa e que traz conhecimento novo"; isto por seu "saber consolidado" e "dotes de inteligência e de tolerância para a apreciação de nossos problemas". Alargava sua consideração elogiosa a Gilberto Freyre ao ressaltar seus talentos de pesquisa e literário, nos quais a linguagem clara e simples, elemento de maior originalidade, tornava acessíveis um vasto conhecimento de nossa evolução.[31]

A alguns observadores da época, esta simbiose entre a literatura e os estudos sociais pareceria a chave original e conformadora da nossa cultura humanística. Um deles não se intimidava em advogar que uma sociologia genuinamente brasileira se afeiçoaria ao "*romain vrai*", postulado pelos irmãos Goncourt. E assim concluía apelando para "o poder introspectivo da crítica, que é, ainda aqui, um dom epicurista de imaginar, quando não se pode provar, o homem, a obra e a vida do passado. Sociologia-romance ou romance-sociologia muito mais interessante pelos dramas

---

[28]) Cf. Candido, Antonio - "O significado de **Raízes do Brasil**", prefácio a 5ª edição de **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio. 1969.

[29]) Autragésilo de Athayde, numa confissão mal velada de penúria e fraqueza de nosso pensamento, aplaudia Gilberto Freyre por sua "consumada capacidade", merecedora dos "*mais calorosos elogios entre os maiores professores americanos.*" (grifos nossos, CPC) Cf. Athayde, Austragésilo - "Raizes do Brasil". In **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 16/11/36.

[30]) Cf. Leão, Múcio - "Registro Literário". In **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 07/11/36.

[31]) Cf. Sodré, Nelson Werneck - "Livros Novos". Sem ref.

que vai reconstituindo, do que essas outras sociologias de contrabando que nos vão florindo em literatura tatibitate."[32]

A isto que poderíamos chamar de uma "inflação literária" no pensamento social brasileiro, Antonio Candido relaciona a uma tendência secular de investigação e descoberta do Brasil, na qual a ficção de tradição naturalista concorre com o conhecimento científico.[33] Na década de 30, uma vez exitosa a "fase heróica" do movimento modernista, a incorporação crítica e problematizada da realidade social brasileira representaria uma ampliação dos horizontes temáticos de nossa literatura. Entretanto, face a vulgarização e a rotinização dos preceitos do projeto estético do modernismo, verifica-se uma diluição de suas conquistas fundamentais quando da sensibilização dos artistas às "exigências" temporâneas de (re)elaboração do "real conhecimento" do país trazida a tona pelo movimento "revolucionário" de 1930. Este trajeto propicia uma mudança de ênfase no modernismo representado pela ascensão de seu(s) projeto(s) ideológico(s): inaugura-se então a fase de uma literatura participativa e de combate que mesmo "incorporando processos fundamentais do Modernismo, tais como a linguagem despida, o tom coloquial e presença popular, esse tipo de narrativa mantém, entretanto, um arcabouço neo-naturalista que, se é eficaz enquanto registro e protesto contra as injustiças sociais, mostra-se esteticamente muito pouco inventivo e pouco revolucionário".[34] Enfim esta "literatura militante", embora tenha possibilitado realizações felizes como o romance social de José Lins do Rego, Raquel de Queiroz, Jorge Amado, Graciliano Ramos, Abguar Bastos, Ciro dos Anjos, Érico Veríssimo e Dionélio Machado[35], desvia o conjunto da produção literária da linha intensa de pesquisa e

---

[32]) Cf. Chiacchio, Carlos - "Homens & obras". In **A Tarde**, Salvador, 11/11/36.

[33]) Cf. Candido, Antonio - **Literatura e Sociedade**, 5ª edição, S.P., Cia. Editora Nacional, pp. 124 a 134.

[34]) Estas considerações seguem a análise desenvolvida por Lafetá: João Luiz - **1930: A crítica e o modernismo**. São Paulo, Livraria Duas Cidades, 1974,, pp. 20-22. A citação feita está na pg. 22.

[35]) Menção à parte mereceria o escritor paulista Alcântara Machado, pelo traço característico de sua prosa ágil, finamente irônica e mordaz. Para Mário de Andrade foi o único *romancista* verdadeiramente modernista da geração de 1922.

experimentação, e, assim, acaba por destituir-lhe o sentido mais íntimo de modernidade: o caráter de ruptura da linguagem promovido pelo modernismo.[36]

A obra destes autores (se já não mais modernista, certamente moderna) aliada ao surto da indústria do livro nos anos 30 possibilitou uma notável interpenetração literária em todo o Brasil. Neste sentido, avalia Antonio Candido, "um jovem, digamos do interior de Minas, ia vivendo numa experiência feérica e real a Bahia, de Jorge Amado, a Paraíba ou o Recife, de José Lins do Rego, a Aracaju, de Amando Fontes, a Amazônia, de Abguar Bastos, a Belo Horizonte, de Ciro dos Anjos, a Porto Alegre de Érico Veríssimo ou Dionélio Machado, a cidade cujo o rio imitava o Reno, de Viana Moog. Foi como se a literatura tivesse desenvolvido para o leitor uma visão renovada, não-convencional, do seu país, visto como um conjunto diversificado mas solidário."[37]

Esta tendência inquietante de compreensão do destino coletivo da nação, aliás, era recebida pela intelectualidade do período como "um dos aspectos mais animadores da atualidade brasileira."[38] O aprofundamento no gosto do estudo sociológico de nossos próprios problemas, embora merecedor de reparos em sua eventual displicência "de tudo o que agita as outras nações", é saudado como um valioso esforço de elucidação , "eliminando dúvidas históricas, sondando causas de

---

[36]) A utilização da distinção entre projeto estético e projeto ideológico como instrumento de análise à crítica literária do período nos é oferecida por João Luiz Lafetá. Por projeto estético define as ações mais diretamente ligadas às modificações operadas na linguagem, enquanto que o projeto ideológico caracteriza as visões de mundo percebidas no pensamento de cada época. Para este autor a delimitação de um marco legítimo destes conceitos faz-se necessária à medida que a distinção entre estes dois aspectos de um movimento literário pode ser um tanto artificiosa, dado "que qualquer nova proposição estética deverá ser encarada em suas duas faces (complementares e, aliás, intimamente conjugadas; não obstante, às vezes relacionadas em forte tensão)": isto porque a contestação da linguagem no plano estético já traz em si uma concepção ideológica de questionamento das formas como são externadas as visões de mundo de uma época. No entanto Lafetá entende que a relação estética/ideológica pode manifestar múltiplas combinações e até mesmo, no limite, apresentando rupturas ou inovações de linguagem para reviver formas pretéritas sob novos ângulos. Cf. Lafetá; João Luiz, Op. cit., pp. 11-25, especialmente pg. 11-12.

[37]) Cf. Candido, Antonio - "A revolução de 1930 e a cultura", In **A educação pela noite e outros ensaios**, São Paulo, Editora Ática, 1987, pg. 187.

[38]) Cf. Vasconcelos, Waldemar - "Documentos Brasileiros", In **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15/11/36.

movimentos que sacudiram as massas brasileiras, no passado, e indagando dos rumos que se nos apresentam, para o futuro."[39]

Acentuava-se, com entusiasmo, a promissora disposição das novas gerações. Em suas diretrizes, as viam diferente; seguindo rumos distintos dos quais, "até há pouco tempo", julgava-se aconselháveis pela maioria dos intelectuais tradicionais e modorrentos: "Há, principalmente, nos novos, um desejo sadio de pesquisar, de inquirir, de explicar racionalmente os múltiplos problemas que se apresentam para os seus olhos ávidos de conhecimento."[40] Alguns, mais empolgados, alardeavam triunfalmente: "há muito que se nota que a preocupação lírica da literatura de novelas e sonetilhos está cedendo o lugar a cérebros bem organizados de estudiosos. A história do Brasil emancipa-se, dia-a-dia, dos compêndios de quase analfabetos, copiadores de efemérides."[41]

Os analistas mais perspicazes, alguns até finos intérpretes, não deixavam de gravar as relações desta reviravolta intelectual como os impactos da crise de 1929 e da revolução de 1930. Para Octavio Tarquínio de Souza, "uma e outra, nos obrigaram a pensar em nós mesmos, a contar com os nossos recursos. Despertamos do doce embalo, abrimos os olhos e vimos de um lado o mundo ameaçado de destruição, de outro subvertida a frágil e truncada legalidade que nos vinha do Império, não passando o golpe de 15 de novembro de 1889 de um mero episódio sem conseqüências."[42] A partir de um ponto de vista mais tímido, quase autocontemplativo, Oscar Mendes contentava-se em atentar que este esforço introspectivo, enquanto reflexo do movimento outubrista, fez romper o isolamento anterior dos "sociólogos e historiadores" estudiosos de nossa civilização, antes raro ou pouco lidos pelo grande público: "só os especialistas em certos assuntos os procuravam."[43]

---

[39]) Cf. Sodré. Nelson Werneck - "Livros Novos". Sem ref.

[40]) Cf. "Publicações". In **Minas Gerais**. Belo Horizonte. 31/10/36.

[41]) Cf. K.(?) - "Meu film...", In **A Tarde**. Bahia. 13/03/37

[42]) Cf. Souza. Octavio Tarquínio - "Vida Literária". In **O Jornal**. Rio de Janeiro. 06/12/36.

[43]) Cf. Mendes. Oscar - "A alma dos livros". In **Folha de Minas**. Belo Horizonte. 17/01/37.

O crítico Limeira Tejo, de uma perspectiva mais radical, começava por denunciar um longínquo descompromisso do conhecimento histórico em nossa formação social, o qual "as tragédias armadas por dificuldades ostensivas" vinham desmascarar. O pensamento histórico, segundo este crítico do **Diário** de Santos, encontrava-se no "melhor dos mundos da lua", vivia mergulhado numa insuportável gratuidade: "A escola era risonha e franca e mesmo as idéias importadas de um mundo cujo o pensamento já estava a serviço de uma luta histórica, só haviam de servir entre nós a um ingênuo pedantismo político, muito mais de poetas do que homens arrastados à batalha."[44]

Ao articulista do **Diário** santista, desde o Império, "a democratização da sociedade brasileira era uma exigência histórica em um país de formação tão heterogênea num mundo já todo liberal." Não obstante a crescente complexidade cultural, racial e econômica do país, "muito resistiu às forças de mudança aquela sociedade de limites tão definidos". Diante desta situação, argumentava Limeira Tejo, somente "quando as forças de transformação do ambiente histórico se tornaram irrevogáveis no período em questão, é que se impôs a uma consideração menos abstrata e que, no domínio intelectual, traduz-se por esse intenso interesse de investigação de suas causas. (...) Agora é que estamos tendo a coragem para olhar o panorama sem vidros cor de rosa. E, o que é mais importante, hoje é, que já não nos envergonhamos de nossas origens misturadas, de nossa fisionomia de sub-raça. Até pelo contrário, estamos descobrindo nisso tudo que tanta náusea causou aos que nos precederam, a grande oportunidade de edificação social e política do Brasil".[45]

Não haverá absurdo em supor evidente as ressonâncias da obra de Gilberto Freyre contidas nesta sentença. Pode-se quase dizer que nela transparecem valiosas pistas para a compreensão da força revolucionária e do impacto libertador dos escritos freyrianos àquela geração[46]. Em sua abordagem inspirada na antropologia

---

[44]) Cf. Tejo. Limeira - "Raízes do Brasil". In **Diário**. Santos. 21/11/36.

[45]) Idem.

[46]) A este respeito, registrando em testemunho as experiências da época, adverte Antonio Candido em seu célebre prefácio à 5ª edição de **Raízes do Brasil**: "O jovem leitor de hoje não poderá talvez compreender,

cultural norte americana, envolvendo temas caros ao evolucionismo naturalista, **Casa Grande & Senzala** fixou novas chaves interpretativas à formação da sociedade brasileira. Explicando-a não mais pelos conceitos de raça e natureza (meio físico), mas, principalmente, pelas modernas noções de cultura e *ethos* social das nacionalidades individualizadas. Através deste deslocamento conceitual, Gilberto Freyre pôde reabilitar a contribuição civilizatória de índios, negros e portugueses (em especial destes últimos) à nossa formação nacional, conciliando-os em uma visão harmônica e concertada da sociedade brasileira. A análise do processo cotidiano de interpenetração cultural e racial dentro do absorvente complexo da casa-grande & senzala edificava a harmonização conciliatória desta concepção do *ethos* nacional.[47]

Inobstante estas possibilidades culturais acomodatícias, as incertezas do período convidavam à generosidade tirânica dos espíritos extremados. Isto não significa, é certo, a exclusão obrigatória da conciliação: apenas, contudo, que esta situava-se em planos mais sutis. Os embates sobre a verdadeira vocação da cultura brasileira, se tateantes na década de 20, agora ganhavam perfis mais nítidos e um vigor inquestionável. Muitas vezes até, por todos os lados, transformando objetos de investigação em objetos de culto. Alguns mais inseguros, enfeitiçados por requerer significado das sinas futuras do país, atravessavam idéias díspares, entretidos em pontos de partida e de chegada, sem muito enxergar a mística da travessia.

A efusão transcendente desta liturgia cívica, nos estreitos limites de sua tolerância, presidiu e de algum modo provocou a elaboração de **Raízes do Brasil**. O ensaio sergiano, opondo suas dúvidas ferinas, com discreto cuidado de respeitar

---

sobretudo em face dos rumos tomados pelo seu autor, a força revolucionária, o impacto libertador que teve este grande livro."

[47]) Cf. Ventura, Roberto - **Estilo Tropical**. São Paulo, Cia. das Letras, 1991, pg. 67. Segundo este historiador da vida cultural brasileira, a formulação deste "mito da democracia racial levou à passagem do *pessimismo das teorias deterministas européias*, que inviabilizavam o progresso da civilização brasileira, ao *ufanismo da civilização tropical*, que aperfeiçoaria o legado ocidental" (grifos no original).

suscetibilidades, dardejava heresias contra algumas convicções mais teimosas.[48] A maestria com que conduz suas mais ou menos implícitas motivações polêmicas não passaria desapercebida pela crítica contemporânea. A manipulação de uma forma de expressão suficientemente flexível e impessoal por parte de Sergio Buarque de Holanda, se adequada para ousar trânsito entre idéias e gostos alheios, assumiria, quase inevitavelmente, uns ares de suficiência sobranceira, em geral mais irritantes para autores consagrados e por tantos títulos dignos de respeito, do que a franca e desabusada agressão.[49]

O tom muitas vezes despojado de certas passagens do livro, em verdade, não deixaria de suscitar reações disparatadas ao incitar a caricata sisudez dos apóstolos da brasileiridade e das sínteses brasileiras. Atentando para este fato, Waldemar Vasconcellos ao apresentar **Raízes do Brasil** para o público gaúcho, dispararia a seguinte observação: "a crítica, de vigorosos traços do sr. Sergio de Holanda, leva-nos imediatamente a pensar na palavra irreverente, vingativa, satírica do nosso vocabulário quotidiano".[50]

O fato de Sergio Buarque de Holanda pôr a serviço de suas investigações um estilo maleável e rico, tornando seu escrito atraente e de prazeirosa leitura, não era estranho aos seus contemporâneos. A **Rádio Difusora S.A.**, em sua programação de 3 de novembro de 1936, transmitiria um juízo particularmente preciso sobre este aspecto da obra inaugural da Coleção Documentos Brasileiros: "Sergio Buarque de Holanda tem uma maneira interessante de procurar as raízes do Brasil - o que faz com a finalidade de concluir se é possível medrar dessas raízes uma cultura com tipo

---

[48]) O empenho crítico de Sergio Buarque de Holanda, principalmente no início de sua carreira intelectual, às vezes custou-lhe os ásperos descaminhos do viés excessivamente polêmico. Houve mesmo um tempo, confessava Sergio Buarque, em que no seu "ofício de crítico de livros e de idéias, nada faria para impedir alguma reação menos amena" de seus contendores. Cf. Holanda, Sergio Buarque - **Tentativas de Mitologia**. São Paulo, Perspectiva, 1979, pg. 14. O apuro de seu estilo veio de um lento processo de conquista gradual da linguagem, desenvolvida pelo tirocínio da escrita regular dirigida ao público amplo da grande imprensa. No auge de sua maturidade, entretanto, já se fazia perceptível uma espantosa familiaridade com usos e gostos diversos, inclinando-o "de algum modo para a complacência, mais do que para intolerância corrosiva e sem apelo." Cf. Holanda, Sergio Buarque, Op. cit., pp. 17 e 34.

[49]) Idem, ibidem, pp. 14 e 17.

[50]) Cf. Vasconcellos, Waldemar - "Documentos Brasileiros". In **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15/11/36.

próprio no nosso campo espiritual. Interessante é a maneira do autor, dizemos porque, embora se revele ensaísta de vigor, não é pesado, não se deixa levar pelo comodismo da terminologia científica, mas sabe estudar os problemas históricos e psicológicos, que se apresentam, com quase simplicidade. A tese é profunda. O desenvolvimento é sério. E o escritor paulista vence, convencendo. Sobram-lhe credenciais para tanto: 'Desejo e capacidade de analisar, gosto de interpretar, alegria intelectual de esclarecer' - são expressões significativas de sua inteligência, ditas pela autoridade de Diretor da série que se abre com este livro. E disto resulta que 'Raízes do Brasil' é obra de estudo que recria".[51]

Sem muito destoar deste juízo, e até conferindo-lhe maior cesura em seus delineamentos, temos a crônica do Pe. Domingos Carreiro. Assim podemos resumí-la: Sergio Buarque, revelando-se "dono de conhecimentos vastos" em **Raízes do Brasil**, consegue se aproveitar de fatos diversos em sua escrita fluída, "sem forçar por exibição, mas quando é o momento preciso podendo ilustrar o que produz, de tal sorte que mesmo se discordando são visíveis as qualidades do trabalho". Isto porque, prossegue Domingos Carreiro, "desenvolvendo um claro raciocínio chega a conclusões que não se podem desprezar". Este crítico, demonstrando singular discernimento, ainda chamaria a atenção do leitor para algumas sutilezas de composição presentes no ensaio: "Encontram-se algumas observações ou mesmo teses, no livro, das quais se tem que discordar, merecendo discussão, sem diminuir o autor que se impõe, com segurança, pelo domínio com que trata dos diversos problemas que são focalizados, com bastante vida, nas páginas a que temos de retornar depois de lidas, avidamente, uma primeira vez".[52]

---

[51]) Cf. "Livro do Dia", Radio Difusora [S.Paulo (?)], minuta irradiada em 03/11/36. Fato curioso, servindo mesmo como forte indício do incipiente desenvolvimento material e dos meios de comunicação do país, a utilização da programação radiofônica para a transmissão e divulgação de resenhas bibliográficas. Além da referência acima mencionada, há um outro registro deste tipo de minuta crítica sobre **Raízes do Brasil**, inclusive de cunho oficial, feita por solicitação do Ministério da Educação. Cf. Seidel, Roberto - "Através dos livros - Resenha bibliográfica", **P/ R.A. 2 - Ministério da Educação**, 01/12/36. [Incompleta]

[52]) Cf. Carreiro, Pe.Domingos - "Raízes do Brasil". Sem ref.

Não raro, a retidão do autor de **Raízes do Brasil** em trilhar por entre os emaranhados dos atalhos que se abrem ao franco debate das idéias, sugere a alguns de seus críticos uma longa meditação sobre o assunto estudado. Muitas resenhas admiravam-se com a visão de conjunto apresentada pela obra. O crítico Lemos Britto, por exemplo, não hesitava em dizer que "o sr. Sergio Buarque de Holanda estudou bastante o caminho por onde devia seguir; daí a segurança de seu passo", merecendo igual destaque "a coragem das idéias e a firmeza com que as anuncia e debate."[53]

Justamente por esta razão, a despeito de seus alertas quanto as necessidades de se estenderem as monografias regionais para subsidiar generalizações mais seguras e fundamentadas acerca do país, Menotti del Picchia[54] aclamava **Raízes do Brasil** enquanto um estudo que "pede uma leitura atenta e meditada." Reconhecia em seu antigo companheiro de brigadas modernistas não apenas o espírito analítico, mas o estudioso dotado de poderoso lastro de cultura "que, neste trabalho, se revela dos mais seguros observadores dos fenômenos sociais que presidiram a formação da nacionalidade." Acrescentaria ainda a minuciosa visão de conjunto apresentada por Sergio Buarque, sensível "a todos os fatores sociais" com "objetividade e sereno sentido analítico", conformando um espírito "positivo, nada retórico, conciso e claro".[55]

O historiador Helio Vianna, através das páginas de **O Jornal**, sugere que a experiência intelectual de Sergio Buarque, nos seus "mais de 12 anos" de vivência jornalística e literária, em muito se faz perceptível na elaboração de **Raízes do Brasil**. Fruto de "pura inteligência, na qual aos raciocínios cabe a melhor parte", o ensaio parece se prestar a alguns equívocos. A crítica de Helio Vianna suspeita que desta razão provem "a facilidade que também manifesta para descair em apreciações

---

[53]) Cf. Britto, Lemos - "Bazar de Livros". In **Vanguarda**. Rio de Janeiro. 30/11/36.

[54]) Com o pseudônimo de Helios, o autor de **Juca Mulato**, desde a década de 20, costumava assinar suas colunas literárias no **Correio Paulistano** e no **Diário da Noite**.

[55]) Cf. Helios - "Sociaes: Raízes do Brasil". In **Diário da Noite**. S.Paulo. 12/11/36.

francamente errôneas, que se não invalidam, pelo menos em muito diminuem seus méritos". Considera portanto censurável o que lhe parecem generalizações de "certos raciocínios predeterminadamente tendenciosos, que restringem ou desviam seus julgamentos".[56]

De uma perspectiva mais comedida, embora em relativa concordância com as restrições formuladas por Helio Vianna, o polígrafo Plinio Barreto, referenda alguma funcionalidade na dicção um tanto quanto artificiosa de **Raízes do Brasil**. Assim pronunciava-se a respeito do ensaio sergiano: "O sr. Buarque de Holanda tem, realmente, a capacidade de análise e o gosto de interpretar. Talvez, mesmo, se deixe às vezes levar muito longe por este gosto. (...) Não direi que tudo quanto afirma o sr. Buarque de Holanda se esquive a objeções. Direi, apenas, que ele defende com muita destreza os seus modos de ver e que esses modos de ver denotam, a um tempo, longo estudo da nossa história e da nossa psicologia e o hábito de lidar com idéias gerais. É grande, no seu livro, a virtude capital dos bons livros: o estímulo a reflexão e a abertura de largas perspectivas intelectuais".[57]

O traço largo de seu conteúdo, abrangendo um elaborado estudo da sociedade brasileira em vários se seus aspectos, contemplaria um instigante "roteiro para a verdadeira descoberta do Brasil" segundo o crítico Jayme de Barros.[58] Também a crônica do rodapé literário de **O Nordeste**, periódico de Fortaleza, corroborava esta sentença: "aos estudiosos das coisas do Brasil e capazes de distinguir as críticas verdadeiras das impressões pessoais este livro é digno de folheado e apreciado".[59] Uma tentativa de explicação para eficácia de **Raízes do Brasil** em revisar os estudos sobre as realidades nacionais pode ser inferida pelas seguintes considerações impressas nas páginas da **Folha de Minas**: os argumentos da obra, sugere Oscar

---

[56]) Cf. Vianna, Helio - "Nota sobre Raizes do Brasil", In **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30/11/36..

[57]) Cf. Barreto, Plinio - "Livros Novos", sem ref.

[58]) Cf. Barros, Jayme de - "Espelhos dos livros". In **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 23/11/36. Esta mesmo crítica também apareceu no jornal mineiro **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, de 24/01/37.

[59]) Cf. "Livros Novos". In **O Nordeste**, Fortaleza, 19/04/37.

Mendes, "suscitam críticas e reações de vários gêneros. Cheio de idéias e contradições, é um provocador de debates."[60]

O preciosismo da composição do ensaio, aberto à digressões eruditas e ao livre exame dos fatos, não se esquiva, entretanto, aos requisitos necessários à investigação metódica e objetiva. A estorvar a lisura de suas máximas, diria a coluna literária do **Correio de São Paulo**, "nenhuma teoria preestabelecida, nenhuma afirmação *a priori*. Sempre pesquisa paciente, a afirmação baseada no fato, confirmada pelo documento. A dedução lógica, nascida por interpretação do fenômeno de origem".[61] Talvez careça relaxamento a asserção de nunca haver afirmação que não esteja firmemente documentada em **Raízes do Brasil**. Porém, é isenta de arbitrariedade a associação postulada por Vieira de Mello, identificando o pensamento de Sergio Buarque de Holanda como pertencente a "linhagem dos escafandristas, dos que mergulham no fundo dos fenômenos históricos e de lá voltam carregados de interpretações inéditas e descobertas valiosíssimas."[62]

Seriam, aliás, das expedições armadas por estes domínios que o escritor paulista construiria o fio condutor de sua análise da sociedade brasileira, desde suas origens, atentando para os aspectos mais significativos da sua formação e à interpretação desses fatos e os seus efeitos ainda sensíveis na atualidade; isto é, no momento em que foi escrita a obra. A brevidade de um ensaio de quase duzentas páginas, ainda que lapidarmente concatenadas as suas análises, sujeitaria-se a muitas restrições por passíveis de supostas deformações de sua perspectiva. O malogro nesta empreitada, segundo a nota bibliográfica do jornal **A Rua**, só foi evitado em virtude da objetividade do escrito sergiano: "o autor não divaga, não arrisca conclusões. Registra o fato, exibe o documento e conclue com segurança, com

---

[60]) Cf. Mendes, Oscar - "A alma dos livros". In **Folha de Minas**. Belo Horizonte, 17/01/37.

[61]) Cf. "Raízes do Brasil". In **Correio de São Paulo**. S.Paulo. 03/11/36.

[62]) Cf. Mello, Vieira de - "Raízes do Brasil". In **Anota**. Rio de Janeiro. 15/11/36.

lógica, com clareza. Isso feito com método, com precisão, dá a seu trabalho uma autoridade que não pode ser discutida". [63]

Esta unanimidade, distante inclusive dos mais íntimos intuitos do autor, não representaria mais do que uma mera ilusão, aparência enganadora de cordiais apresentações. A amplitude do trabalho de Sergio Buarque não se furtava ao desejo de combater idéias contrárias ao seu modo de pensar. Ao contrário, estendia-lhes o convite para a peleja. Assim o evidencia - diz a crônica de um periódico carioca - em sua investigação cuidadosa, de pesquisa erudita, deslindando com "profundidade" e "brilho" os mais diversos aspectos "que hoje tem nossa nacionalidade, muitas vezes desconcertantes, para os que tem o justo conhecimento das suas causas."[64]

Seria preciso, então, dirigirmo-nos para o lado das sombras para ter em vista uma percepção mais justa da assimilação crítica oferecida pelos contemporâneos de **Raízes do Brasil**. A questão do nacionalismo alude a grande quantidade de esclarecimentos sobre o assunto, facilitando a compreensão dos embates travados a respeito das "raízes" do Brasil dos anos 30.

O ponto de vista de Sergio Buarque de Holanda, ao apresentar "uma explicação muito clara da psicologia do nosso povo, como produto dos mais diversos e por vezes contrários fatores"[65], não raro pareceria ganhar feição apodíctica da correntia historiografia nacional, de ordinário conservadora e patrioteira. Testemunhava-o, resguardando-se na prudência de silenciar nomes e obras, sem muito explicitar suas ilações, a resenha de **A Batalha**: "O jovem autor do volume que acaba de aparecer, revela-se, logo nos primeiros capítulos de seu livro, um profundo conhecedor do assunto, um arguto pesquisador dos fenômenos formadores da nossa nacionalidade. Remontando a psicologia dos nossos descobridores aos processos de colonização e adaptação, em face das reações do ambiente, das influências interiores e exteriores, consegue, por um claro e metodizado estudo da

---

[63]) Cf. "Nota Bibliográfica". In **A Rua**. Rio de Janeiro, 31/10/36.

[64]) Cf. "Nota Bibliográfica", In **Anota**. Rio de Janeiro, 31/10/36.

[65]) Cf. "Raízes do Brasil". In **Diário de Notícias**. Rio de Janeiro, 01/11/36.

evolução brasileira, chegar até a explicação lógica de muitas particularidades da nossa psicologia social, *desfazendo muitos preconceitos correntes, destruindo algumas teorias errôneas aceitas por vários autores nacionais.*"[66]

A resenha do crítico Vieira de Mello aduz pistas de algum interesse a respeito do distanciamento de Sergio Buarque em relação às análises tradicionais da história pátria. Não sofrendo da "doença dos exclusivismos unilaterais de métodos históricos", o autor de **Raízes do Brasil** "não é um desses diabos maníacos do determinismo, que querem reduzir organismos sociais a puras leis biológicas. Nem é um dos livre arbristas, que submetem os acontecimentos a meras volições erradas ou certas das gerações sucessivas." Longe disso, traça suas sínteses "sem nenhuma rigidez de dogma, com o faro das essências escondidas", servindo-se de "uma sólida cultura, uma cultura sangüínea, bem absorvida e bem respirada."[67]

A ressonância de novas idéias, entretanto, não se fazia impunemente. Alguns, como o articulista mineiro Oscar Mendes, queixavam-se do fato de que os defeitos de nosso caráter são mais ressaltados que as qualidades no intuito de explicar "o verdadeiro sentido de nossas agitações": "Conquanto o título possa fazer esperar um estudo mais sólido e mais profundo das nossas características essenciais, trata-se de um livro de ensaios, de observação aguda, é certo, mas que apenas aflora certos temas, sem os necessários mergulhos até as 'raízes'. Por isso é que não faltam contradições de pensamento e choque de afirmações". Inquirindo sobre este ecletismo supostamente resignado, um tanto quanto cético a seu ver, termina por indagar: "Será o sr. Sergio Buarque um daqueles intelectuais 'que se alimentam, ao mesmo tempo, de doutrinas dos mais variados matizes'? Ou terá alguma 'raiz' mais vigorosa para suster a árvore, ou pretende revigorá-la, infundindo-lhe seiva nova, com um 'galho estrangeiro, prudente ou violentamente enxertado?"[68]

---

[66]) Cf. "Livros Novos". In **A Batalha**. Rio de Janeiro. 05/11/36. Grifo nossos CPC

[67]) Cf. Mello. Vieira de - "Raízes do Brasil". In **Anota**. Rio de Janeiro. 15/11/36.

[68]) Cf. Mendes. Oscar - "A alma dos livros". In **Folha de Minas**. Belo Horizonte. 17/01/37.

Eis aqui, nesta última observação, a evidência de um primeiro cânon profanado. Até que ponto nossas raízes mergulham nas culturas estrangeiras? Em que medida somos herdeiros dos traços característicos da terra de nossos colonizadores portugueses? Pode-se crer que terá sido assaz aviltante ao orgulho patriótico a conclusão do primeiro capítulo de **Raízes do Brasil**, fazendo convergir nossa cultura civilizatória com as "fronteiras da Europa".[69]

Afirmar esta manutenção de vínculos com a Europa através dos tempos, conforme argutamente mencionou Múcio Leão, contrariava a opinião corrente de "muitos convictos de nossa liberdade de espírito diante de outros povos"[70]. Era como que se a desejada distância do passado colonial, por si só, desfigurasse as suas marcas deletérias. Em **Raízes do Brasil**, colidindo de frente com seus contemporâneos, Sergio Buarque intentava denunciar a trágica situação brasileira que preservava, ainda que inconscientemente, "como relíquias respeitáveis algumas formas exteriores do sistema tradicional depois de desaparecida a base que os sustentava. Uma periferia sem centro."[71]

As reações dos críticos a esta matéria sugerem forte apelo das teorias de cunho evolucionistas, na qual as individualidades nacionais - oriundas das necessidades de adaptação ao meio social, ao meio étnico e ao meio histórico - se

---

[69]) O referido trecho conclusivo do primeiro capítulo de **Raízes do Brasil** assim se pronuncia: "No caso brasileiro, a verdade, por menos sedutora que possa parecer alguns [sic] dos nossos patriotas, é que ainda nos associa à Península Ibérica, e a Portugal especialmente, uma tradição longa e viva, bastante viva para nutrir até hoje uma alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa. Podemos dizer que de lá nos veio a *forma* atual de nossa cultura; o resto foi matéria plástica, que se sujeitou mal ou bem a essa forma." Cf. Holanda, Sergio Buarque de - **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936, pg. 15. Este fato, aliás, se aviltante para os nacionalistas brasileiros, não o seria para os melancólicos patriotas lusitanos, conforme adiante teremos oportunidade de assinalar.

[70]) Cf. Leão, Múcio - "Registro Literário", In **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07/11/36.

[71]) Cf. Holanda, Sergio Buarque de - **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936, pg. 141. Em artigo que serviu de base para os três últimos capítulos de **Raízes do Brasil**, principalmente dos capítulos 5 e 7, publicado na revista **Espelho**, dirigida por Américo Facó e Claudio Ganns, em 1935, esta passagem final apresentaria redação mais explícita (embora, em verdade e àquele contexto, mais condescendente sob outros aspectos): "Hoje *somos apenas um povo endomingado*. Uma periferia sem centro". Cf. Holanda, Sergio Buarque de - "Corpo e alma do Brasil. Ensaio de psicologia social", In **Espelho**, Rio de Janeiro, nº1, março de 1935, pg. 53. (grifos nossos, CPC)

modelam e se transfiguram em função das reações dos grupos humanos aos determinismos do ambiente cósmico.[72]

Exemplo claro desta abordagem nos oferece a crítica de Nelson Werneck Sodré, na qual não hesita em afirmar, sem o menor propósito de malícia, que "essas **Raízes do Brasil** constituem (...) uma série de comentários, muitas vezes inteligentes, muitas vezes lúcidos, dos nossos problemas e da nossa evolução, descambando, de quando em quando, entretanto, para o dogmatismo duma afirmação mais rígida e menos fundamentada." Essa afirmação dogmática, que tão má impressão causara em Werneck Sodré, nada mais era do que o primeiro parágrafo do ensaio sergiano, segundo o qual constituímos "o único esforço bem sucedido, e em larga escala, de transplantação da cultura européia para uma zona de clima tropical e sub-tropical". [73] Deixando-se corromper por seus arroubos patrióticos, o crítico se prontifica a retificar que nada justificava a generalização de que "tenhamos estabelecido aqui, definitivamente, uma cultura européia, e portanto

---

[72]) São patentes as referências estabelecidas com a obra de Oliveira Vianna em muitas dessas críticas: algumas vezes, inclusive, nominalmente. Para o renomado sociólogo fluminense, "nenhum erro maior que o daqueles que, partindo de uma suposta identidade entre nós e o outros grandes povos civilizados (porque temos a mesma civilização), julgam-se dispensados de estudar o nosso grupo nacional." Não obstante as atinências e afinidades que nutrimos das civilizações européias, mesmo nossas semelhanças e dependências, "não nos confundimos: somos diversos por muitos aspectos, distintos por muito lados, peculiares e exclusivamente nós mesmos por muitos modos de ser e de existir. (...) Certo, a ação das correntes de civilização, essencialmente uniformizadoras, tende a corrigir e contrabater a ação dos agentes diferenciadores, isto é, a ação das particularidades locais do solo, da raça e da história: mas, essa ação nivcladora da imitação não poderá ser tal que anule a ação todo-poderosa daquelas. Esta é incoercível e acaba sempre por revelar-se na resultante das forças que determinam a evolução de cada grupo." Cf. Oliveira Vianna, **Evolução do Povo Brasileiro**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956, pp. 38, 40 e 41. Note-se aqui, mais uma vez, a relativa exterioridade na conformação e determinação das relações sociais: sempre resultam de uma fatalidade física, quase palpável, resultante da ação tirânica do meio ambiente sobre o grupo social. O apelo a estes subterfúgios conformantes de certezas inarredáveis, para Sergio Buarque, é que dá origem a própria noção de desterro. Pugnando por desbastar a relação de exterioridade com que se posicionavam diante determinados problemas estas perspectivas, não sem propósito, são elas alvo da ironia de Sergio Buarque em **Raízes do Brasil**: "Devemos essa teoria, tão própria para lisonjear a vaidade patriótica de numerosos brasileiros, ao srn. F.J.Oliveira Vianna". Cf. Holanda, Sergio Buarque de, op. cit., pg. 166.

[73]) Cf. Holanda, Sergio Buarque de, op. cit., pg. 3. Dando-nos um leve prenuncio do que mais tarde se revelariam os seus momentos mais frágeis, Nelson Werneck Sodré não se furta ao equívoco do apuro de suas idéias: "O livro do sr. Sergio Buarque de Holanda me impressionou mal pela sua primeira afirmação. (...) [uma] afirmação dogmática e seria necessário que o autor se estendesse mais sobre esta parte para nos convencer de sua opinião." Cf. Sodré, Nelson Werneck - "Livros Novos". Sem ref.

transplantada". Os eventuais desvios a esta constatação, continuaria Werneck Sodré, "foram disparidades que o próprio tempo, a própria evolução, corrigiu e poliu". Realçando suas certezas e seu otimismo com relação ao país, em geral muito próximos de algumas convicções não pouco dogmáticas da década de 20, não tardaria a concluir que "uma civilização nossa" teria que se constituir "pelas características impostas pelo meio físico, meio econômico, pelo meio social. Não nos contentamos mais em viver uma civilização de importação, uma civilização importada".[74]

Algumas críticas menos profícuas, como as do camisa verde Henry Leonardos e de um crítico que assina por E.P., são verdadeiras declarações de um nacionalismo patrioteiro. O primeiro, numa declaração pueril, assevera "que não fomos os únicos recipientes da cultura européia", considerando por isso o primeiro capítulo de **Raízes do Brasil** "um acidentado tratado de múltiplas considerações vagas", muito provavelmente por exagerar em suas concessões a estrangeirismos e fixar o caráter anárquico de nosso natural irrequieto e desordenado.[75] Já o misterioso E.P., em sua crônica no jornal **O Globo**, considerava não muito exato a importância excessiva dada ao colonizador português ao fazer de sua conquista americana uma ponte para formação de uma extensão de sua nacionalidade. Chega mesmo a afirmar que "a formação do Brasil surpreende a Metrópole bastante". Este colunista ressente-se também da ausência da análise das raças, bem como dos fatores mesológicos, em suas respectivas intervenções na verdadeira formação da sociedade brasileira.[76]

Não faltam outros exemplos a denunciar indícios de uma orientação metodológica naturalista, ou mesmo híbridas de um positivismo. Alguns, contudo, se mostram mais maleáveis como Jayme de Barros. Este cronista entende como muito perspicaz a compreensão de que "a história do grupo social brasileiro começa em Portugal e na Espanha, antes dos descobrimentos", deitando suas "raízes antes da

---

[74]) Idem.

[75]) Cf. Leonardos, Henry - "Raizes do Brasil", sem ref.

[76]) Cf. E.P. - "Origens do Brasil". In **O Globo**, Rio de Janeiro, 24/11/36.

transplantação". Não vacila em identificar no ensaio sergiano "um livro que figurará ao lado daqueles que mais fundamente penetraram nosso passado e melhor iluminaram os desvãos obscuros da história da formação nacional". No entanto considera censurável um suposto exagero de **Raízes do Brasil** em sua insistência na "supremacia da hereditariedade [da ascendência portuguesa] na formação de nosso agrupamento social, sujeito embora as surpresas de todas as transformações e ao milagre dos aperfeiçoamentos". Isto impediria Sergio Buarque de desvencilhar-se do que pareceria um demasiado apego àquelas "raízes portuguesas na alma nacional", as quais, segundo este crítico, "dia a dia se modifica, sob influências multiformes".[77]

Somente quando as referências a primazia do colonizador português se faz ajustada aos desígnios de uma divagação patriótica é que ela é vista com bons olhos. Melhor exemplo do que artigo de Octaviano Domingues, intitulada "Povoamento do Brasil", não haverá. Segundo este articulista da **Folha de Minas**, Sergio Buarque acerta em ressaltar a longínqua propensão dos portugueses à mestiçagem, sendo esta a fonte última de sua plasticidade social. Isto posto, descambando numa perspectiva francamente biologista, argumenta que a miscigenação patrocinada pela colonização portuguesa "facilitou o aparecimento de um novo tipo humano, mais próprio para viver na zona tropical". Uma vez transposto o obstáculo do caráter adventício de nossa civilização, transformando-o inclusive de trampolim às suas proposições mais obscuras, põe reparos na análise de Sergio Buarque por não explicar "por que razão tal plasticidade do mestiço facilitou a 'construção de uma nova pátria', por via de uma aclimação fácil". Assim o crítico Octaviano Domingues abria o caminho para apresentar sua teoria sobre o povoamento do Brasil, singelo exemplo de patriotismo idílico e saltitante: defendendo a virtude das populações mestiças "para o caso de povoamento de uma nova região, de clima diferente. Um novo meio só pode ser povoado por novas formas de vida - isso é axioma da biologia". Tratando-se de uma questão de "biologia-genética", ao fim e ao cabo tudo atingia bom termo: esquecia-

---

[77]) Cf. Barros, Jayme de - "Espelhos dos livros". In **Diário da Noite**. Rio de Janeiro. 23/11/36. Esta mesma crítica também apareceu no jornal mineiro **O Estado de Minas**. Belo Horizonte, de 24/01/37.

se um injustificado sentimento de inferioridade, gabava-se da inteligência deste sábio esquema teórico e, *last but not least*, respeitava-se a lição do augusto mestre Comte.[78]

Nos meandros destes floreios nacionalistas, paradoxalmente, encontramos sugestivas evidências de certa solução de continuidade entre os ideais de cultura brasileira e suas raízes ibéricas. A nutrir esta "alma comum, a despeito de tudo quanto nos separa", diria-nos o autor de **Visão do Paraíso**, o espírito aventureiro que renuncia todo esforço paciente e sistemático, que cede todas as vezes em que as conveniências imediatas aconselham a ceder, que se preocupa menos em construir, planejar ou plantar alicerces, do que em repetir o que estava feito ou o que lhe ensinara a rotina.[79]

A este respeito, por acusar relativa verosimilhança às teses de Sergio Buarque de Holanda, revelam-se de singular interesse a leitura das impressões gravadas pela crítica lusitana sobre as "raízes do Brasil". Impregnada de um lirismo sentimental, abandonando-se na generosa amplitude com que se lhe apresenta o mundo, é patente sua resignação melancólica e lacrimosa, mesmo um pedestre realismo acolhedor das dissonâncias históricas e sociais de um passado remoto. Não haverá aqui, talvez, alguma similaridade com o nacionalismo acima destacado?

É curioso notar como a crônica lusa não avança, salvo em passagens que aparentemente comportem menções elogiosas ao esforço colonizador português, para além do segundo capítulo da obra. Todo seu interesse se concentra, como bem o fixou Norton de Matos - antigo Comissário Geral de Angola -, "naqueles capítulos que nos descobrem com mão de mestre as 'raízes do Brasil', aquilo que até hoje há de eterno na formação e na vida da grande nação sul-americana".[80] São estes capítulos, principalmente o segundo, que lhe desperta maior interesse.

---

[78]) Cf. Domingues, Octaviano - "Povoamento do Brasil". In **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 14/05/37.

[79]) Esta caracterização das raízes ibéricas da cultura brasileira, grosso modo, seguem as indicações sugeridas em **Raízes do Brasil**. Cf. Holanda, Sergio Buarque - **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, Livraria José Olympio Editora, 1936, pp. 15, 27e 59. Ver também Holanda, Sergio Buarque - **Raízes do Brasil**, 2ª edição, Livraria José Olympio Editora, 1948, pg. 50 e 51.

[80]) Cf. Matos, Norton de - "Raízes do Brasil". In **O Primeiro de Janeiro**, Porto (Portugal), 05/11/38.

As observações contidas no capítulo "Trabalho & Aventura", conforme as palavras de Antônio Amorim, consagram Sergio Buarque como "nome que recomendamos à simpatia dos (...) portugueses estudiosos".[81] Traindo-se em sua parcialidade de fundo emocional extremamente rico e transbordante, os críticos lusitanos assim evidenciam o desleixado apego à sua missão histórica de pioneiros da conquista dos trópicos: "Norton de Matos, reproduzindo no **Primeiro de Janeiro** algumas das exatas e flagrantes notas deste capítulo das **Raízes do Brasil**, comove-se de ternura e saudade, comparando-as com as reminiscências de Angola do seu governo e experiência: os portugueses não mudaram; os seus defeitos casam-se ainda, na colonização portuguesa, com as mesmas virtudes. Ainda agora em Angola é o mesmo *não te rales* de romântica e ingênua aventura, a mesma incompreensão de qualquer 'moral fundada no culto do trabalho', a mesma 'falta de coesão na vida social', a mesma 'falta de organização espontânea', mas também o mesmo sentimento da irracionalidade dos privilégios hereditários', o mesmo 'desenvolvimento da personalidade', a mesma 'antipatia pelas teorias negadoras do livre-arbítrio'".[82]

Demonstrando certo orgulho desta concepção contemplativa e ociosa da vida, prosseguia o crítico Alves Correia: "o mesmo livro de Sergio Buarque de Holanda enche de ufania as 'raízes' profundas do Brasil, que são as da velha alma nobre e generosa do nosso Portugal". Quase que a revelar mal disfarçado elogio ao abandono rotineiro e próximo do displicente da gente ibérica, não hesita em assertar que "até nos defeitos, que podem resumir-se no espírito de aventura e do menosprezo

---

[81]) Cf. Amorim, Antônio - "Raízes do Brasil". In **O Diabo**, Lisboa (Portugal), 14/02/37.

[82]) Cf. Correia, J. Alves - "Livros e Periódicos". In **Seara Nova**, Lisboa (Portugal), [1938(?)]. Os grifos são do original. Aliás, merece alguma atenção esta propensão romântica e contemplativa, quase que uma superfetação saudosista, da cultura portuguesa. O referido artigo de Norton de Matos sobre **Raízes do Brasil** sugere, em passagens e exemplos bastante significativos, este melancólico sentimento lusitano: "Abre o livro com estas para mim tão consoladoras palavras: (...) Vem primeiro a afirmação justa, e que tanto me comove pelas recordações que me desperta (...) Quantas passagens neste livro não me recordam os meus seis anos de Angola". Cf. Matos Norton - "Raízes do Brasil". In **O Primeiro de Janeiro**, Porto (Portugal), 05/11/38.

habitual ao trabalho, a formação do Brasil nos é demonstrada, neste livro, tipicamente portuguesa, obra natural e espontânea de portugueses". [83]

Em pouco se distinguiria deste juízo a apreciação final de Norton Matos ao trabalho de Sergio Buarque: "a principal conclusão que dele tiro, e naturalmente apresento-a com orgulho, é que, de todo o mundo, só os colonos portugueses poderiam ter criado uma nação como o Brasil. As fronteiras desta admirável nação são, servindo-se das palavras de Buarque de Holanda, 'fronteiras da Europa', as nossas fronteiras marítimas. As 'raízes do Brasil' estenderam-se pelo oceano e vieram beber a sua principal seiva às aldeias de Portugal. O mesmo está acontecendo a Angola, e assim vamos cumprindo a nossa missão histórica".[84]

Talvez cegados por seu ufanismo melancólico, não raro incorreram os críticos portugueses no exagero típico daqueles que, posto bem assentes no solo, não têm exigências mentais muito grandes. Quem sabe daí derive o patente descuido com que abordam os capítulos finais do ensaio sergiano, numericamente "menor, quase escrita a fugir", em que se apresentavam o sentir político do Brasil contemporâneo: "A parte primeira e maior do livro de Buarque de Holanda trata do Brasil português. Apenas os dois últimos capítulos nos falam do Brasil a frondejar acima das 'raízes', do Brasil contemporâneo: do positivismo, do instinto negador, do bacharelismo, do sucesso das oligarquias (num falso liberalismo), do horror à 'nossa realidade', assim como, finalmente, dos ensaios mais ou menos nefeibáticos [sic] de nacionalização do bolchevismo ou do fascismo: *tudo coisas que saíram bastante grotescas no Brasil, por não brotarem das 'raízes' e da seiva natural brasílico-portuguesa*".[85]

---

[83]) Cf. Correia, J. Alves - "Livros e Periódicos", In **Seara Nova**, Lisboa (Portugal), [1938(?)].

[84]) Cf. Matos Norton - "Raízes do Brasil (II)", In **O Primeiro de Janeiro**, Porto (Portugal), 12/11/38. Fato curioso, descortinando alguma sintonia com a crítica brasileira, é a sua relativa condenação da empresa colonial holandesa no Brasil: "A minha opinião, de há muito formada, é que os holandeses teriam feito do Brasil, se o seu domínio se tivesse mantido, uma colónia mais próspera e mais produtiva do que a que os portugueses conseguiram, mas de modo algum teriam criado uma nação. (...) A Holanda foi sempre um grande valorizador das terras de além mar, um grande organizador do trabalho indígena; nunca foi porém um país colonizador em sentido português".

[85]) Cf. Correia, J. Alves - "Livros e Periódicos", In **Seara Nova**, Lisboa (Portugal), [1938(?)]. Os grifos são nossos CPC. É interessante constar esse apego ao corpóreo evidenciado nas recorrentes alusões ao

Uma leitura atenta do ensaio sergiano talvez não corroborasse a tão entusiástica apreciação. Em suas entrelinhas mesmo se esboça uma discreta, porém veemente, censura a abulia sobranceira com a qual este iberismo "renuncia a modificar a face do mundo".[86] Com certa freqüência, inclusive, estas passagens coincidem com alguns momentos do livro nos quais a crítica tende a julgar merecedores de retificações. Não seria o caso de insistir em muitas divergências que, de ambos os lados, parecem emergir de certos anacronismos, pedantismos ou desvanecimentos historiográficos. [87]

Entretanto não podem tais incidentes obscurecer a verdadeira questão de fundo neste debate: a presença de tensões ainda não resolvidas, ou resolvidas parcialmente, entre valores e estilos de vida que se imcompreendem mutuamente. Como a concretude dos fatos materiais só adquire realidade inserida em concepções de mundo, sempre tão pessoais e inconfundíveis, era natural declarar inverossímeis certas atitudes e interpretações, não porque em absoluto o fossem, senão porque contradiziam excessivamente outros dados da vida e do horizonte histórico que se fixam indeléveis sobre os indivíduos.[88]

---

volume "maior" da primeira parte do ensaio, tratando das raízes ibéricas, e a discrição de sua parte "menor", relativas ao frondejar do Brasil atual e contemporâneo.

[86]) Cf. Holanda, Sergio Buarque - **Raízes do Brasil**. José Olympio. 1936, pp. 7, 12, 15 e 24, para ficar apenas nos primeiros capítulos do livro.

[87]) Cf. Principalmente as críticas de Nelson Werneck Sodré, Hélio Vianna, E.P., Oscar Mendes e Henry Leonardos. Faz-se justiça mencionar que muitas alterações com que foram contempladas as edições posteriores de **Raízes do Brasil**, embora não cheguem a comprometer as principais teses do ensaio, verificam-se, principalmente, no maior apuro na seleção dos fenômenos particulares que se pretendia ilustrar, bem como no deliberado esforço de elaboração dos dados materiais que formam a ossatura da história, de forma a integrá-los em quadros mais amplos, onde ganham nova dimensão e significado. Ademais não seria despropositado ressaltar que as referidas alterações também evidenciam um autor mais maduro, o fino historiador de **Monções**, experimentado pela prática docente na efêmera Universidade do Distrito Federal (RJ), onde foi assistente dos professores Henri Hauser e Henri Tronchon. Neste período Sergio Buarque aprimora-se em pesquisas sistemáticas em arquivos nacionais e internacionais, não hesitando em transpor à pesquisa documentária o gosto que sempre teve pela erudição. Cf. Eulálio, Alexandre - "Antes de tudo, um escritor". In **Revista do Brasil**. Rio de Janeiro, nº 3 (6), pp. 134-141, julho de 1987.

[88]) Estas considerações devem ser creditadas à análise desenvolvida por Ortega y Gasset - **Em torno de Galileu**. Petrópolis, Editora Vozes. 1989, pp. 28 a 30. Segundo o ponto de vista deste autor, a realidade de "um mesmo fato material tem realidades mais diversas inserido em vidas humanas diferentes. (...) Um fato histórico não é, pois, nunca um puro ocorrer e acontecer - é função de toda uma vida humana individual ou coletiva, pertence a um organismo de fatos onde cada qual tem seu papel dinâmico e ativo.

Desvelava-se assim uma diferença de perspectivas, deitando raízes talvez na militância modernista do jovem crítico literário Sergio Buarque de Holanda. Já em julho de 1925, cerca de uma década antes da publicação de **Raízes do Brasil**, o então diretor da revista **Estética** assim se pronunciava a respeito dos impasses vividos por sua geração: "O que nos distancia dos homens que não pensam como nós é tão sinceramente exprimir os problemas que hoje nos preocupam e a divergência profunda dos pontos de vistas. A obra de arte não exprime nunca uma solução, mas simplesmente uma atitude. Diante de cada questão que propõe um determinado momento é sempre possível a nós tomar um ponto de vista novo. O que desconcerta nos modernos é que as outras gerações não querem ou não podem se compenetrar de que os nossos pontos de vista, embora diferente dos seus, sejam pelo menos tão legítimos".[89]

Este fato que poderia se resumir "numa simples diferença de perspectiva", seguindo por caminhos que lhe pareceriam "senão negativos, pelo menos ineficazes", continha em si alguns pontos prenunciadores da idéia de desterro. Seja por desejar a "criação de uma espécie de mitologia nacional, de uma lenda heróica à maneira das que possuíam outros povos"; seja por se inspirar "em motivos brasileiros", mas salientando "apenas o que havia de pitoresco, de exótico nesses motivos", estas tendências "condenava-nos a ser estrangeiros dentro do Brasil". Rebelando-se contra o comodismo destas posturas, assim concluía Sergio Buarque: "Trata-se, pois, neste momento, de transpor integralmente para o plano da criação artística o nosso estilo nacional, o nosso sistema de duração, sem esquecer que os claros e sombras devem merecer os mesmos direitos".[90]

A rigor, ao homem o único que lhe acontece é viver; todo o resto é interior à sua vida, provoca nela reações, tem nela um valor e um significado. A realidade, pois, do fato não está nele, mas na unidade indivisa de cada vida". Ortega y Gasset, Op. cit., pg. 28.

[89]) Cf. A entrevista de Sergio Buarque de Holanda e Prudente de Moraes Neto ao **Correio da Manhã**. Rio de Janeiro, 19/06/1925, reimpressa em Barbosa, Francisco de Assis - **Raízes de Sergio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1989, pg.72.

[90]) Idem, pp. 72 e 73.

A luz destas últimas considerações, é possível melhor nuançar as palavras inscritas na primeira página de **Raízes do Brasil**: "Podemos construir obras excelentes, enriquecer nossa humanidade de aspectos novos e imprevistos, elevar a perfeição o tipo de cultura que representamos: o certo é que todo fruto de nosso trabalho e de nossa preguiça participa fatalmente de um estilo e de um sistema de evoluções naturais a outro clima e a outra paisagem". Remando contra a maré das expansões sentimentais de certas teses nacionalistas, Sergio Buarque talvez nada mais fizesse que retomar as inquietações de Joaquim Nabuco a respeito da intima instabilidade do gênero americano: a estreiteza do raio de nossa imaginação nacional, ainda umbilicalmente ligada a atração de afinidades esquecidas, mas não apagadas, que estão em todos nós, da nossa comum origem européia.[91]

Tal propósito seria explicitado no segundo parágrafo do ensaio sergiano, onde se afiançam nossas fronteiras da Europa: "Assim, antes de investigar até que ponto poderemos alimentar no nosso ambiente um tipo próprio de cultura, cumpriria averiguar até onde representamos nele as formas de vida, as instituições e a visão do mundo de que somos herdeiros e de que nos orgulhamos".[92]

---

[91]) Cf. Nabuco, Joaquim - **Minha Formação**. São Paulo, Editora Três, 1974 (Obras Imortais da Nossa literatura), pg. 52. Assim se manifestava o pensador pernambucano: "A instabilidade a que me refiro, provém de que na América falta à paisagem, à vida, ao horizonte, à arquitetura, a tudo o que nos cerca, o fundo histórico, a perspectiva humana; que na Europa nos falta a pátria, isto é, a forma em que cada um de nós foi vazado ao nascer. De um lado do mar sente-se a ausência do mundo; do outro, a ausência do país. O sentimento em nós é brasileiro, a imaginação é européia". Reflexo desta presença absorvente e totalizadora da imaginação européia, a falta de perspectiva humana da paisagem americana faz dela "ainda, por assim dizer, um trecho do planeta de que a humanidade não tomou posse: é como um Paraíso Terrestre antes das primeiras lágrimas do homem, uma espécie de jardim infantil. (...) o Novo Mundo para tudo o que é imaginação estética ou histórica é uma verdadeira solidão, em que aquele espírito se sente tão longe das suas reminiscências, das suas associações de idéias, como se o passado da raça humana se lhe tivesse apagado da lembrança e ele devesse bulbuciar de novo, soletrar outra vez, como criança, tudo que aprendeu sob o céu da Ática...." Idem, ibidem, pp. 52-52. Na primeira edição de **Raízes do Brasil**, ainda que implicitamente, há uma forte alusão ao texto de Nabuco ao se referir "a explicação do rastaquerismo, o vício específico dos sul-americanos". Cf. Holanda, Sergio Buarque de - **Raízes do Brasil**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, pg. 110.

[92]) Cf. Holanda, Sergio Buarque de - **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, pg. 3. Esta citação da primeira página, bem como a anterior, apresentam alterações nas três edições consultadas do ensaio sergiano (1936, 1948 e 1956). Nelas o autor parece gradativamente despir-se do arcabouço conceitual vigente nas polêmicas dos anos 30, relativizando algumas afirmações e estilizando a forma da redação destes parágrafos, procurando a evitar mal entendidos. Uma vez sedimentada as vicissitudes de nossa herança ibérica e agrária, a 3ª edição de **Raízes do Brasil** significativamente não apresenta aquele "orgulho" de nossa herança ibérica. Em sua versão definitiva o texto ganha a seguinte redação: "Assim,

Aqui vamos nos aproximando das raízes profundas da solução de continuidade que parece evidenciar a presença do iberismo nas manifestações culturais e materiais da civilização brasileira. A própria ênfase com que afirmava-se um suposto antagonismo entre as tradições culturais ibéricas e brasileiras, segundo Sergio Buarque, constituía-se muitas vezes uma confissão mal velada de penúria e fraqueza do esforço de individuação de nossa imaginação: "Não raro nossa capacidade de ação se esgota nessa procura incessante, (...) é um esforço que se desencaminha mesmo sem encontrar resistência, que se aniquila no auge da sua força e que se compromete sem motivo patente".[93]

A superação verdadeiramente eficaz do iberismo em nossa formação social, sugeriria o autor de **Raízes do Brasil**, não poderia nascer de uma inversão meticulosa de sua imagem real ou convencional, pois isso seria ainda um modo de se sujeitar as mesmas raízes ibéricas: "tudo isso nos convida a descansar em nossa própria singularidade. Lusismo e americanismo parecem-nos freqüentemente duas noções incompatíveis e entre as quais é indispensável optar. Talvez ainda seja muito cedo para vencermos completamente essa dualidade, para realizarmos um síntese entre aqueles elementos contraditórios de que nos falava Joaquim Nabuco, entre nosso sentimento brasileiro e nossa fantasia européia. (...) Por mais ajustadas que nos pareçam ao caso as expansões sentimentais, esse esforço [de constituição de um novo estilo americano] compete acima de tudo à inteligência".[94]

Não da inteligência daqueles que acreditam possuir sua verdadeira expressão pronta e acabada em seus cérebros; dos que dizem conhecer de cor tal e qual devam ser todas as suas regiões, as suas riquezas incalculáveis e até mesmo os seus limites. Estes nada mais poderiam oferecer do que sombras, meros reflexos que só por eufemismo poderiam expressar uma nova realidade: "nada do que se vive se exprime

---

antes de perguntar até que ponto poderá alcançar bom êxito a tentativa, caberia averiguar até onde temos podido representar aquelas forma de convívio, instituições e idéias de que somos herdeiros".

[93]) Cf. Holanda, Sergio Buarque de - **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1936, pg. 24.

[94]) Cf. Holanda, Sergio Buarque de - "Considerações sobre o americanismo", In **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1941.

impunemente em vocábulos. (...) Só os pensamentos já vividos, os que se podem considerar não em sua duração, mas objetivamente e já dessecados, encontram um *termo*. Quero dizer: esse termo só coexiste com o ponto de ruptura com a vida".[95]

Ao anunciar seu descontentamento com as tendências predominantes no modernismo, Sergio Buarque já antecipava muitas das teses que ganhariam corpo e vigor nas páginas de seu ensaio seminal. Declarando-se fatigado da gratuidade dos combates contra muitos pontos de vistas já extintos, dos "fantasmas" que se agitavam no vazio e que viviam à custa de heranças, reivindicava a necessidade de reconciliarmo-nos com a livre imaginação do real possibilitada por nosso "estouvamento de povo moço". Para tanto, reputava o jovem crítico modernista, era indispensável "romper com todas as diplomacias nocivas. mandar pro diabo qualquer forma de hipocrisia, suprimir as políticas literárias e conquistar uma profunda sinceridade para com os outros e para consigo mesmo". Censurava, portanto, os seus confrades das fileiras modernistas por idealizarem "a criação de uma elite de homens inteligentes e sábios, embora sem grande contato com o povo - é o que concluo por minha conta; não sei de outro jeito de se interpretar claramente o sentido de seus discursos - gente bem-intencionada e que esteja de qualquer modo à altura de nos impor uma hierarquia, uma ordem uma experiência que estrangulem de vez esse maldito estouvamento de povo moço e sem juízo. (...) O erro deles está nisso de quererem escamotear a nossa liberdade, que é, por enquanto pelo menos, o que temos de mais considerável, em proveito de uma detestável abstração inteiramente inoportuna e vazia de sentido".[96]

Não sendo a vida íntima do brasileiro bastante disciplinada para envolver toda a personalidade, ajustando-a como uma peça consciente ao ambiente social,

---

[95]) Cf. Holanda Sergio Buarque de - "Perspectivas", In Barbosa. Francisco de Assis (org.) - **Raízes de Sergio Buarque de Holanda**, Rio de Janeiro. Editora Rocco, 1989, pg. 65. (Artigo originalmente publicado na revista **Estética**, em 1925).

[96]) Cf. Holanda, Sergio Buarque de - "O lado oposto e outros lados". In Barbosa. Francisco de Assis (org.) - **Raízes de Sergio Buarque de Holanda**. Rio de Janeiro. Editora Rocco. 1989, pp. 85 a 88. (Artigo originalmente publicado na **Revista do Brasil,** em outubro de 1926).

estaríamos relativamente livres para realizarmos uma síntese verdadeiramente capaz de se constituir numa contribuição brasileira para a civilização ocidental. Restaria saber se o demônio pérfido e pretensioso, a inspirar novas preferências e repugnâncias, refletindo imagens diferentes da realidade, consumiria grande parte da energia construtiva necessária a esta realização, afirmando sua atávica convicção de que "não vale a pena ..."

3. Fontes e Bibliografia

Abreviaturas utilizadas neste trabalho:

FSBH: Fundo Sergio Buarque de Holanda

Série Cp: Série Correspondência: Sub-série Passiva

Série PI: Série Produção Intelectual

Série PT: Série Produção de Terceiros

SIARQ/UNICAMP: Sistema de Arquivo Central da Universidade Estadual de Campinas

a) Fontes Pesquisadas

SIARQ/UNICAMP Fundo Sergio Buarque de Holanda, Série Produção de Terceiros Pasta 61: Álbum de Resenhas sobre **Raízes do Brasil**, preparado por Cecília Buarque de Holanda, entre 1936 e 1938.*

1) "Letras e Artes", In **O Jornal**, Rio de Janeiro, 25/10/36.

2) **A Nação**, Rio de Janeiro, 25/10/36.

3) Amaral, Rubens do - "Livros e Idéias", In **Folha da Manhã**, S.Paulo, 28/10/36.

4) "Publicações", In **Minas Gerais**, Belo Horizonte, 31/10/36. [2 cópias]

5) "Nota Bibliográfica", In **A Rua**, Rio de Janeiro, 31/10/36.

6) "Academia Brasileira", In **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 01/11/36.

7) "Raízes do Brasil", In **Diário de Noticias**, Rio de Janeiro, 01/11/36.

8) "Raízes do Brasil", In **Correio de São Paulo**, São Paulo, 03/11/36.

9) "Raízes do Brasil", **In Diário da Noite**, S.Paulo, 03/11/36.

10) "Registro de Livros", In **Monitor Campista**, Campos (RJ), 03/11/36.

11) "Livro do Dia", Radio Difusora S.A.[S.Paulo (?)], minuta irradiada em 03/11/36.

---

* Encontram-se duas cópias de 6 dos 78 artigos que compõem o conteúdo desta pasta. Às vezes apresentando inclusive diferenças em sua diagramação, evidenciando nem sempre serem publicados num mesmo periódico. Neste caso, por falta de referências mais precisas quanto ao jornal responsável por sua impressão, optamos por registrar a duplicidade do documento e indicarmos a cópia que apresenta maiores informações a respeito da origem de sua publicação.

12) "Livros Novos", In **A Batalha**, Rio de Janeiro, 05/11/36.

13) Leonardos, Henry - "Raízes do Brasil", sem ref.

14) "Raízes do Brasil", **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, 07/11/36.

15) Sodré, Nelson Werneck - "Livros Novos", Sem ref.

16) Leão, Múcio - "Registro Literário", In **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 07/11/36.

17) **Diário da Manhã**, Recife, 08/11/36.

18) "Os Livros da Semana", In **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, 08/11/36. [2 cópias]

19) Lopes, Álvaro Augusto - "À margem dos livros", In **A Tribuna de Santos**, Santos, 09/11/36.

20) "Feira de Livros", In **Anota**, Rio de Janeiro, 09/11/36.

21) "Livros Novos", In **Diário da Bahia**, Salvador, 09/11/36.

22) "No Mundo dos Livros", In **Estado de Sergipe**, Aracaju, 10/11/36. [2 cópias]

23) "Bibliografia", In **O Estado de São Paulo**, S.Paulo, 11/11/36.

24) Chiacchio, Carlos - "Homens & obras", In **A Tarde**, Salvador, 11/11/36.

25) "Livros Novos", In **A Tarde**, Salvador, 11/11/36.

26) Helios - "Sociaes: Raizes do Brasil", In **Diário da Noite**, S.Paulo, 12/11/36.

27) Mello, Vieira de - "Raízes do Brasil", In **Anota**, Rio de Janeiro, 15/11/36.

28) Vasconcellos, Waldemar - "Documentos Brasileiros", In **Correio do Povo**, Porto Alegre, 15/11/36. [2 cópias]

29) "Livros Novos", In **Jornal de Alagoas**, Maceió, 15/11/36.

30) "Livros Novos", In **A Imprensa**, João Pessoa, 15/11/36.

31) Athayde, Austragésilo - "Raízes do Brasil", In **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 16/11/36.

32) "Livros", In **Diário Popular**, S.Paulo, 17/11/36.

33) "Documentos Brasileiros", In **A Nação**, Rio de Janeiro, 17/11/36.

34) Moura, Reinaldo - "Dois livros em registro", In **A Federação**, Porto Alegre, 18/11/36.

35) Millet, Sergio - "Raizes do Brasil", In **O Estado de São Paulo**, S.Paulo, 18/11/36.

36) "Movimento dos Livros", In **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 20/11/36.

37) Tejo, Limeira - "Raízes do Brasil", In **Diário**, Santos, 21/11/36. [2 cópias]

38) Barros, Jayme - "Espelho dos livros", In **Diário da Noite**, Rio de Janeiro, 23/11/36.

39) E.P. - "Origens do Brasil", In **O Globo**, Rio de Janeiro, 24/11/36.

40) "Livros novos", In **Diário da Manhã**, Recife, 24/11/36.

41) Barreto, Plínio - "Livros Novos", sem ref..

42) Freyre, Gilberto - "Documentos Brasileiros", In **A Nação**, Rio de Janeiro, 25/11/36.

43) "Registro Literário", **Amazonas** [?], 26/11/36.

44) "Livros Novos", In **Correio do Povo**, Porto Alegre, 27/11/36.

45) "Raízes do Brasil", In **Beira Mar**, Rio de Janeiro, 28/11/36.

46) Britto, Lemos - "Bazar de livros", In **Vanguarda**, Rio de Janeiro, 30/11/36.

47) Vianna, Helio - "Nota sobre Raízes do Brasil", In **O Jornal**, Rio de Janeiro, 30/11/36. [2 cópias]

48) Seidel, Roberto - "Através dos livros - Resenha bibliográfica", **P/ R.A. 2 - do Ministério da Educação**, 01/12/36. [Incompleta]

49) Souza, Octavio Tarquínio - "Vida Literária", In **O Jornal**, Rio de Janeiro, 06/12/36.

50) "Raízes do Brasil", In **O Tempo**, Rio Grande (RS), 07/12/36.

51) "Livros Novos", In **Correio do Povo**, Curitiba, 09/12/36.

52) Lima, Diocleciano P. - "Sobre Raízes do Brasil", In **Jornal do Commércio**, Recife, 15/12/36.

53) "Panorama", sem ref., 24/12/36.

54) Correia, J. Alves - "Livros e Periódicos", In **Seara Nova**, Lisboa - Portugal, [1938] (?).

55) "Livros Novos", In **Jornal de Alagoas**, Maceió, s/d.

56) Carreiro, Domingos - "Raízes do Brasil", sem ref.

57) "Raízes do Brasil", In **Departamento de publicidade,** João Pessoa, s/d.

58) "Livros Novos", In **Gazeta do Povo**, Curitiba, s/d.

59) Mendes, Oscar - "A alma dos livros", In **Folha de Minas**, Belo Horizonte, 17/01/37.

60) "Raízes do Brasil", In **Diário da Tarde**, Florianópolis, 22/01/37.

61) Barros, Jayme - "Crônica Literária", In **O Estado de Minas**, Belo Horizonte, 24/01/37.

62) "No Mundo dos Livros", sem ref..

63) Cotrim Netto, Alberto - "Raízes do Brasil", In **A Ofensiva**, Rio de Janeiro, 03/02/37.

64) Amorim, Antônio - "Raízes do Brasil", In **O Diabo: Semanário de Literatura e Crítica**, Lisboa (Portugal), 14/02/37. [2 cópias]

65) "Sergio Buarque de Holanda: Raízes do Brasil", In **Fon-Fon**, Rio de Janeiro, 27/02/37.

66) K.(?) - "Meu film...", In **A Tarde**, Bahia, 13/03/37.

67) "Livros Novos", In **O Nordeste**, Fortaleza, 19/04/37.

68) Domingues, Octaviano - "Povoamento do Brasil", In **Folha de Minas**, Belo Horizonte., 14/05/37.

69) "Livros", In **O Oeste Paulista**, Sto. Anastácio, 11/07/37.

70) Pandolfi, Luiz - "Conversa sobre Raízes do Brasil", In **Diário da Tarde**, Recife, 12/11/37.

71) Matos, Norton - "Raízes do Brasil", In **O Primeiro de Janeiro**, Porto (Portugal), 05/11/38.

72) Matos, Norton - "Raízes do Brasil-II", In **O Primeiro de Janeiro**, Porto (Portugal), 12/11/38.

b) Bibliografia

ADORNO, Theodor. "O ensaio como forma", In Gabriel Cohn (org.), **Theodor Adorno**, São Paulo, Ática, 1986.

ANDRADE, Mário de. "O Movimento Modernista", In **Aspectos da Literatura Brasileira**, Martins Fontes, s/d., pp.231-255.

AVELINO Fº, George. "As raízes de **Raízes do Brasil**", In **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, nº 18, setembro de 1987.

BARBOSA, Francisco de Assis. (Org.) **Raízes de Sergio Buarque de Holanda**, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1989.

BARBOSA, Francisco de Assis. (Org.) **Revista do Brasil**, Rio de Janeiro, 3 (6), julho de 1987, Número Especial dedicado a Sergio Buarque de Holanda.

BENJAMIN, Walter. "O autor como um produtor", In Flávio Koethe (org.) **Walter Benjamin**, São Paulo, Ática, 1987.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Dimensões de Macunaíma: Filosofia, Genêro e Época**, Campinas, IEL/UNICAMP, 1987. (Tese de Mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária).

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. **Tietê, Tejo, Sena: a obra de Paulo Prado**, Campinas, IEL/UNICAMP, 1994. (Tese de Doutorado apresentada ao Departamento de Teoria Literária).

BRITO, Mário da Silva. **História do Movimento Modernista no Brasil - vol.I**; Edições Saraiva, 1958.

CANDIDO, Antonio. "O significado de **Raízes do Brasil**", Prefácio à 5ª edição do Livro **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1969.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade;** São Paulo, Editora Cia. Nacional, 1976.

CANDIDO, Antonio. "Sergio em Berlim e depois", In **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v.1, nº 3, abril de 1984.

CANDIDO, Antonio. "A Revolução de 30 e a Cultura", In **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, v.2, nº 4, abril de 1984.

CANDIDO, Antonio. "Radicalismos", In **Estudos Avançados**, 4 (8), janeiro/abril de 1990, pp. 4-18.

FAORO, Raymundo. "A questão Nacional: A modernização", In **Estudos Avançados**, 6 (14), abril/maio de 1992, pp. 7-22.

FAUSTO, Bóris. **A revolução de 30: História e historiografia**, São Paulo, Brasiliense, 1970.

GRAHAM, Richard. "An interview with Sérgio Buarque de Holanda", In **Hispanic American Historical Review**, 62 (1), february 1982, pp. 3-17.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**, Rio de Janeiro, José Olympio, 1936.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 2ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1948.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**, 3ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

HOLANDA, Sergio Buarque de. "O pensamento histórico no Brasil nos últimos cinquenta anos", In **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1951, pp. 12 e 13.

HOLANDA, Sergio Buarque de. "Fluxo e Refluxo", In **Diário Carioca**, Rio de Janeiro, (I.) 21 de janeiro de 1951; (II.) 28 de janeiro de 1951 e (III.) 4 de fevereiro de 1951.

HOLANDA, Sergio Buarque de. "Considerações sobre o Americanismo", In **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 28 de setembro de 1941.

HOLANDA, Sergio Buarque de. "Modernismo, Regionalismo e Tradição", Depoimento a SENNA, Homero. **A República das Letras: 20 Entrevistas**., Gráfica Olímpica Editora, 1968, pp. 103-113.

HOLANDA, Sergio Buarque de. "Um Buarque antes de Chico. O perfil de um dos maiores historiadores brasileiros. 42 A.C.", entrevista a **Realidade**, São Paulo, ano VII, nº 75, junho de 1972, pp.70-80.

HOLANDA, Sergio Buarque de. "A democracia é difícil", entrevista a **Revista Veja**, 28 de janeiro de 1976, pp. 3-6.

HOLANDA, Sergio Buarque de. "Que país é este?", entrevista ao **Folhetim**, publicação da **Folha de São Paulo**, São Paulo, 30 de abril de 1978, nº 67, pg.3.

LAFETÁ, João Luiz. **1930: a Crítica e o Modernismo**, São Paulo, Duas Cidades, 1974.

MARSON, Adalberto. "Dimensões Políticas do Modernismo na Década de 20"; In **Ciência e Cultura**, 25 (11), novembro de 1973, pp.1030-1037.

MARTINS, Luciano. "A gênese de uma *Intelligentsia* - os intelectuais e a política no Brasil, 1920 a 1940.", In **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 2 (4), junho de 1987, pp. 65- 87.

MARTINS, Wilson. **História da Literatura brasileira , Volume VI: O Modernismo** ; Cultrix, 1975.

MONTEIRO, Pedro Meira. "O 'homem cordial' e a democracia quase impossível: caráter típico-ideal e significado político da cordialidade em **Raízes do Brasil**.", In **Ciência & Trópico**. (No prelo).

MONTEIRO, Pedro Meira. "Sergio Buarque de Holanda e os atores da 'nossa revolução'", Campinas, mimeo., 1995.

OLIVEIRA VIANNA. **Populações Meridionais do Brasil**, 5ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1952.

OLIVEIRA VIANNA. **Evolução do Povo Brasileiro**, 4ª edição, Rio de Janeiro, José Olympio, 1956.

PRADO, Antonio Arnoni. **1922: Itinerário de uma falsa Vanguarda. Os dissidentes, a Semana e o Intregralismo**, São Paulo, Brasiliense, 1983.

VENTURA, Roberto. **Estilo Tropical**, São Paulo, Cia. das Letras, 1991.